

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

GIANLUCCA RIBEIRO

**O CAMINHO DA FELICIDADE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE
HEINRICH VON KLEIST**

PORTO ALEGRE

2022

GIANLUCCA RIBEIRO

**O CAMINHO DA FELICIDADE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE
HEINRICH VON KLEIST**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de bacharel em Letras Português/Alemão pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof Dr Gerson Roberto Neumann

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Ribeiro, Gianluca
O Caminho Da Felicidade: uma Tradução Comentada De
Heinrich Von Kleist / Gianluca Ribeiro. -- 2022.
77 f.
Orientador: Gerson Roberto Neumann.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Bacharelado em Letras: Tradutor Português e
Alemão, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Heinrich von Kleist. 2. Tradução comentada. 3.
Cartas. 4. Processo tradutório. I. Neumann, Gerson
Roberto, orient. II. Título.

Gianluca Ribeiro

**O CAMINHO DA FELICIDADE: UMA TRADUÇÃO COMENTADA DE
HEINRICH VON KLEIST**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Letras Português/Alemão.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Robert Schade – UFRGS

Marianna Ilgenfritz Daudt – UFRGS

Gerson Roberto Neumann - UFRGS (orientador)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer nomeadamente ao Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann, que propôs a ideia da tradução das cartas de Kleist, que me ajudou a determinar o tema do trabalho e aceitou ser meu orientador; à Prof^a Dr^a Erica Sofia Foerthmann Schultz, que revisou minha tradução da primeira carta na disciplina de estágio, contribuiu com sugestões quanto a escolhas tradutórias, e que me ajudou na escolha pela tradução comentada; e ao Prof. Dr. Carlos Leonardo Bonturim Antunes, que me ajudou com o grego.

Agradeço também aos professores que aceitaram fazer parte da banca examinadora para este trabalho, Prof. Dr. Robert Schade e Prof^a Marianna Ilgenfritz Daudt.

Por fim, agradeço a todos os professores, familiares e colegas que de alguma forma contribuíram para minha formação mediante aprendizado e trocas de ideias.

RESUMO

Este trabalho consiste numa tradução comentada de uma compilação de cartas de Heinrich von Kleist, autor do período do romantismo, mas cuja obra continua atual e relevante nos tempos contemporâneos. A fim de tornar sua obra mais acessível ao leitor brasileiro, traduzi um total de 12 cartas do autor, a primeira das quais é abordada neste trabalho principalmente por conta de sua extensão e da multiplicidade de tópicos passíveis de discussão nela presentes. Com relação à sua estrutura, o trabalho está organizado em cinco partes. Na introdução, dentre outras coisas, apresento o contexto de origem do projeto de tradução e deste trabalho. A seguir, no primeiro capítulo, apresento e comento brevemente a vida e obra de Kleist e sua relevância para a sociedade contemporânea em geral e, por extensão, para o Brasil. Nas primeiras duas seções do segundo capítulo, apresento a natureza dos textos que foram traduzidos, bem como algumas decisões tomadas e convenções estabelecidas a fim de nortear o projeto, e então, na terceira, apresento minha tradução da primeira das cartas. No terceiro capítulo, teço comentários sobre passagens e palavras selecionadas do texto e, por fim, reflito sobre os objetivos da tradução bem como deste trabalho e sobre os tópicos abordados nele em geral.

Palavras-chave: Heinrich von Kleist. Tradução comentada. Cartas. Processo tradutório.

ZUSAMMENFASSUNG

Bei dieser Arbeit handelt es sich um die kommentierte Übersetzung einer Sammlung von Briefen des Schriftstellers der Romantik, Heinrich von Kleist, dessen Werk jedoch auch derzeit noch aktuell und bedeutend ist. Um sein Werk für den brasilianischen Leser zugänglicher zu machen, wurden insgesamt 12 Briefe des Autors übersetzt, von denen der erste hier vor allem wegen seines Umfangs und der Vielzahl von Themen, die diskussionswürdig sind, behandelt wird. Die Arbeit ist bezüglich ihre Struktur in fünf Teile gegliedert. In der Einleitung wird u.a. den Ursprungskontext des Übersetzungsprojekts und dieser Arbeit vorgestellt. Im ersten Kapitel wird Kleists Leben und Werk sowie seine Bedeutung für die heutige Gesellschaft im Allgemeinen, und demnach auch für Brasilien, kurz vorgestellt und kommentiert. In den ersten zwei Abschnitten des zweiten Kapitels werden die Art der Texte, die übersetzt wurden, sowie einige Entscheidungen und Konventionen vorgestellt, die als Leitfaden für das Projekt dienten, und im dritten Abschnitt wird die Übersetzung der ersten Brief präsentiert. Dann werden im dritten Kapitel ausgewählte Abschnitte und Wörter aus dem Text kommentiert und am Ende bestehen schließlich Überlegungen über die Ziele der Übersetzung sowie dieser Arbeit und die darin behandelten Themen im Allgemeinen.

Schlüsselwörter: Heinrich von Kleist. Kommentierte Übersetzung. Briefe. Übersetzungsverfahren.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. AUTOR E OBRA, OU QUEM FOI HEINRICH VON KLEIST E POR QUE ISSO IMPORTA?	10
2. TEXTO E TRADUÇÃO	15
2.1. Informações acerca do texto	15
2.2. Aspectos do processo de tradução	16
2.3. A tradução.....	18
3. COMENTÁRIOS	32
3.1. Glück, derivados e variantes	32
3.2. Menschenliebe x Menschenhass	42
3.3. Comentários gerais.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59
ANEXO	1

INTRODUÇÃO

Heinrich von Kleist figura entre os mais importantes autores da literatura alemã, sua obra e o contexto em torno de sua pessoa, bem como sua trajetória, continuam atuais mesmo mais de 200 anos após sua morte prematura, como se poderá ver no capítulo 1. Sua obra, no entanto, como é com outros grandes nomes da arte, da ciência e da filosofia, não pertence, isto é, não deve pertencer somente ao seu país ou comunidade linguística de origem. Deve estar acessível a todos e, assim, o objetivo da tradução foi contribuir com sua importação para o ambiente intelectual brasileiro em língua portuguesa. Assim, transferir das palavras do autor defunto seu significado, tarefa eterna da tradução, tanto no sentido saussureano do significado semântico quanto no sentido do quanto sua obra é significativa, foi o objetivo do projeto que me levou a traduzir algumas de suas cartas. A função do presente trabalho, como extensão deste projeto, é apresentar as ditas traduções e discutir tópicos selecionados, pois também faz parte da tarefa do tradutor, bem como da prática tradutória, a resolução de problemas, a pesquisa e, por fim, a decisão, às vezes difícil, por uma ou outra forma de expressar o que o autor disse na língua de origem.

O projeto teve início na disciplina de estágio de tradução II ministrada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos professores Gerson Roberto Neumann e Erica Sofia Foerthmann Schultz no semestre de 2021/02, na qual os alunos tiveram a oportunidade de escolher quais textos traduzir, uma das sugestões do professor sendo algumas coletâneas de cartas de Heinrich von Kleist ainda sem tradução para o português. Assim, comecei a tradução de 12 das 13 cartas¹ compiladas sob o título de *Aufsätze und kleine Schriften* (“Ensaio e pequenos escritos”), disponibilizadas pelo site do *Projekt Gutenberg*². Ao final daquele semestre, surgiu então o prospecto de revisar dita tradução e expandir discussões e observações que haviam sido feitas na disciplina, estabelecendo-se assim o escopo desta monografia, a qual está organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo, apresento e comento brevemente a vida e obra de Kleist, bem como discuto sua importância para o mundo contemporâneo e, por extensão, para o

¹ Devido a questões operacionais da disciplina, a tradução da carta restante ficou ao encargo de outra colega.

² Ver nas referências, ou em: <https://www.projekt-gutenberg.org/kleist/aufsatz/index.html>

Brasil. No segundo, discuto a natureza dos textos que foram traduzidos e comento algumas decisões e convenções que foram tomadas para nortear o projeto, e então apresento minha tradução da primeira das cartas. Por fim, no terceiro capítulo, teço comentários sobre passagens e palavras selecionadas da supracitada primeira carta.

Em termos metodológicos, minha tradução se pautou pelo método funcionalista de Christiane Nord, no qual a análise textual foi de grande importância (MUNDAY, 2016). Assim, comparei os perfis do texto de partida e do texto de chegada quanto a suas funções, público-alvo, e temporalidade. Também dei atenção aos elementos mais culturalmente específicos que poderiam necessitar de explicação adicional por parte do tradutor, bem como respeitei os elementos não verbais e de composição do texto, como estrutura e formatação de parágrafos e uso de itálicos. Apesar de ser impossível saber com certeza e completa exatidão as intenções do autor, tive sempre em mente o que se passava na cabeça de Kleist, tanto para a tradução como um todo quanto para o emprego de cada palavra.

1. AUTOR E OBRA, OU QUEM FOI HEINRICH VON KLEIST E POR QUE ISSO IMPORTA?

Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist nasceu em 18 de outubro de 1777 e acabou cometendo suicídio em 1811. Em sua breve vida de 34 anos, foi poeta e escritor de romances e peças de teatro. Três das suas principais peças são: *A Bilha Quebrada* (*Der zerbrochene Krug*), *Pentesileia* (*Penthesilea*) e *Anfitrião* (*Amphitryon*) e, dentre as novelas³, *Michael Kohlhaas* e *A marquesa de O.*

Kleist nasceu na Prússia, na cidade de Frankfurt an der Oder, numa família de militares. Após a morte de seu pai em 1788, passou a ser instruído pelo pregador luterano e pedagogo Samuel Heinrich Catel. Foi provavelmente essa educação que despertou seu interesse tanto pelos poetas clássicos quanto pelos filósofos iluministas, os quais ele estudaria mesmo durante seu serviço no exército.

Em 1792, quando do começo da primeira das Guerras Revolucionárias Francesas, Kleist entrou para o exército prussiano, que viria a abandonar em 1799 para perseguir seu plano de vida. Contrariando os desejos e tradições de sua família e rejeitando a carreira planejada para ele, o jovem poeta decidiu buscar a vida intelectual. No mesmo ano, ele escreveu uma carta para sua meia-irmã Ulrike, na qual dizia ser “incompreensível como um ser humano pode viver sem um plano de vida⁴”.

Já se pode ver aqui a obsessão de Kleist com um projeto claro e detalhado de vida, que também envolveria, me atrevo a dizer, certa necessidade de validar sua própria existência por meio da produtividade.

Kant também foi de extrema importância para sua vida intelectual e pessoal, em particular a leitura da *Crítica da Faculdade de Julgar*⁵ (KANT, 1790), que pôs em xeque a racionalidade e o pragmatismo de seu plano de vida. Numa carta de 22 de março de 1801, Kleist diz à sua noiva Wilhelmine von Zenge:

³ Ambos publicados originalmente num tomo intitulado *Erzählungen* (contos) em 1810. Hoje, especialmente em português, vejo ambas as obras referidas de ambas as formas, mas mais como novelas do que como contos. Assim como com *O Alienista*, sua extensão e estruturas narrativas colocam a classificação dos textos em questão. *Michael Kohlhaas*, por exemplo, tem em torno de 160 páginas e *A marquesa de O.*, em torno de 110. Como não pretendo aqui entrar na discussão a respeito das definições e fronteiras entre conto, novela e romance, deixo apenas esta nota de esclarecimento.

⁴ *Ja, es ist mir so unbegreiflich, wie ein Mensch ohne Lebensplan leben könne.* Disponível em: <https://www.kleist-digital.de/briefe/005>. L. 147-8.

⁵ No original, *Kritik der Urteilskraft*, com diferentes traduções para o português.

Não podemos determinar se aquilo que chamamos de “verdade” é verdadeiramente verdade ou se só assim nos parece [...] Meu único, meu maior objetivo se afundou, e não tenho mais nenhum agora. (KLEIST, 1801. Tradução minha).⁶

Kleist ainda passaria por tentativas fracassadas de fundar e administrar revistas e jornais, estudaria as ciências clássicas, mas viria a perder interesse na tarefa, por mais que referências matemáticas, por exemplo, se façam presentes em suas obras.

Seus primeiros textos tratam de conflitos familiares que resultam em catástrofes, e posteriormente Kleist passa a abordar oposições como o destino contra o acaso e a opinião subjetiva contra a realidade objetiva.

Sua principal novela, *Michael Kohlhaas*, foi inspirado pela história do comerciante de cavalos Hans Kohlhase e sua busca por justiça. Na história, o protagonista tem seus cavalos confiscados ilegalmente e, quando os recupera, eles estão malnutridos e imprestáveis. Ele tenta buscar ajuda jurídica, mas se depara com o nepotismo e as arbitrariedades dos poderosos e, assim, decide fazer justiça com as próprias mãos, tornando-se um criminoso temido. Sua saga continua, envolvendo um salvo-conduto e a promessa de justiça pelo próprio Martinho Lutero, novas traições, uma guerra entre Saxônia e Polônia, intrigas palacianas, uma profecia e mesmo a interferência do Sacro Imperador Romano-Germânico. No final, ele conquista a justiça que buscava para si e seus filhos, mas, paradoxalmente, também é condenado à morte e executado. Com o perdão do anacronismo, sem dúvida uma história kafkiana antes do próprio Kafka.

De um lado está presente o ideal subjetivo, do outro, a realidade mundana; a liberdade individual contrasta com a opressão estatal, o povo com a nobreza, e a missão social de um Estado emergente com o abuso de poder pelos seus representantes, tudo no contexto da impotência do ser humano.

Ao final de 1811, pouco após seu trigésimo quarto aniversário, Kleist se encontrava com sérias dificuldades financeiras. No fim da vida, estabeleceu uma grande amizade, supostamente também um caso, todavia mais espiritual do que passional, com Henriette Vogel, que sofria de câncer terminal e acabou se deixando convencer pelo

⁶ *Wir können nicht entscheiden, ob das, was wir Wahrheit nennen, wahrhaft Wahrheit ist, oder ob es uns nur so scheint [...] Mein einziges, mein höchstes Ziel ist gesunken, und ich habe nun keines mehr.*

poeta, optando por acompanhá-lo na morte. Segundo Augusto Valente, numa matéria de 2011 para a Deutsche Welle:

Como relatariam mais tarde empregados da hospedaria Stimmings Krug, no Kleiner Wannsee, naquele frio dia de outono, o casal se mostrava eufórico, e pediu que lhes fossem servidos café e rum à beira do lago. Uma das testemunhas ainda os viu brincando de "pega-pega" ao longo da margem, como duas crianças (VALENTE, 2011).⁷

Nas margens do Kleiner Wannsee, em 21 de novembro de 1811, Kleist atira no peito de Henriette e depois na própria boca.

O peso da família e a pressão colocada pela sociedade e por ele mesmo foram determinantes em sua trajetória de vida. A 10 de novembro de 1811, onze dias antes de seu suicídio, Kleist, numa carta para sua prima e confidente Marie von Kleist, diz o seguinte:

Eu sempre [...] amei meus irmãos profundamente; de tão pouco que falei do assunto, é evidente que um de meus desejos mais sinceros e íntimos era de dar a eles, por meio de meus trabalhos e obras, muita alegria e honra [...] mas a ideia de não ver reconhecido o mérito que eu afinal tenho, seja ele grande ou pequeno, e de ver-me ser considerado por eles como um membro completamente inútil da sociedade humana, não mais digno de participação, é-me extremamente doloroso, verdadeiramente me rouba não somente a alegria que eu esperava do futuro, mas também me envenena o passado (KLEIST, 1811. Tradução minha).⁸

Mesmo inserido no contexto do romantismo, Kleist apresenta tendências modernas ao apresentar seus personagens em momentos de crise e de dúvidas, e ao examinar de perto as causas reais para tais convulsões emocionais. No entanto, sua obra também foi apropriada por ideólogos do nacional-socialismo que viram nele uma espécie de escritor proto-nazista devido ao conteúdo fortemente nacionalista de alguns de seus textos (como *A Batalha de Armínio*⁹) nos quais viam uma subordinação do indivíduo a serviço da nação. Por fim, também vale mencionar que algumas de suas

⁷ Ver nas referências, ou em: www.dw.com/pt-br/alemanha-celebra-200-anos-de-morte-do-poeta-e-dramaturgo-heinrich-von-kleist/a-14890823

⁸ *Ich habe meine Geschwister immer [...] von Herzen lieb gehabt; so wenig ich davon gesprochen habe, so gewiß ist es, daß es einer meiner herzlichsten und innigsten Wünsche war ihnen einmal, durch meine Arbeiten und Wercke, recht viel Freude und Ehre zu machen [...] aber der Gedancke, das Verdienst, das ich doch zuletzt, es sey nun groß oder klein, habe, gar nicht anerkannt zusehn, und mich von ihnen als ein ganz nichtsniütziges Glied der menschlichen Gesellschaft, das keiner Theilnahme mehr werth sey betrachtet zu sehn, ist mir überaus schmerzhaft, wahrhaftig es raubt mir nicht nur die Freuden die ich von der Zukunft hoffte, sondern es vergiftet mir auch die Vergangenheit.*

⁹ Die Hermannsschlacht.

histórias tiveram grande influência na obra de Franz Kafka, que nutria pelo autor grande admiração.

Ao longo de sua vida, Kleist sempre colocou muita pressão em si mesmo, algo que talvez tenha aprendido com a pressão imposta pela família. Se não fosse ser um digníssimo militar como queria sua genealogia, teria de ser algo na vida. Isso o levou a uma busca angustiada por alguma carreira, e a paixões efêmeras seguidas de desilusões tanto na vida pessoal quanto profissional. A inconstância, então, provavelmente apenas causou mais insatisfação e frustração.

De certa forma, parece que Kleist já vivia uma modernidade líquida (BAUMAN, 1999)¹⁰ mesmo inserido no contexto da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas. Na verdade, talvez isso tenha contribuído para sua aproximação com os tempos atuais. Filho do Iluminismo, em um período de profundas transformações sociais e revoluções intelectuais, contemporâneo de figuras como Goethe, Schiller, Kant e Hölderlin, Kleist era sem dúvida um romântico, mas de alma moderna.

O paralelo com o conceito de Zygmunt Bauman se sustenta, no campo das relações interpessoais, na forma como Kleist nunca conseguiu manter um relacionamento amoroso duradouro mesmo havendo a intenção do casamento; no campo da vida profissional, na forma como o autor seguia suas paixões, inicialmente a de deixar a vida militar para completar seus estudos, que abandonou após certo período, e como posteriormente viria a repetidamente tentar fundar e estabelecer revistas literárias, empreendimentos duraram pouco tempo; no campo ideológico, na sua posição histórica em uma época de renovações intelectuais trazidas pelo Iluminismo, um bom símbolo disto sendo seu período de crise existencial provocado pela leitura de Kant, que deslegitimou as certezas “sólidas” de seu plano de vida; e, no campo político-social, na sua inserção nas transformações causadas pela Revolução Francesa e pelas subsequentes Guerras Napoleônicas, como explicitado acima. Kleist viveu uma vida e num período de inconstâncias e incertezas, remanescente do período após 1945 tratado por Bauman, ainda que, naturalmente, não idêntico a ele.

¹⁰ Conceito e livro do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), a respeito da fluidez e fugacidade vários aspectos das relações humanas na era contemporânea. O que antes era “sólido” (certo, duradouro, imutável) se tornou “líquido” (maleável, inconstante, amorfo).

Após duas guerras mundiais, as contradições ainda assolam nossa sociedade. Vivemos numa época de avanço tecnológico singular e mais rápido que nosso ritmo de adaptação, numa época de idealismo renovado preocupado com pautas identitárias como consequência do Holocausto, de movimentos por direitos raciais e por ondas subsequentes ao feminismo de Simone de Beauvoir, com acesso a informação e atenção para questões como violência e abuso doméstico e saúde mental como nunca vistos antes enquanto, ao mesmo tempo, paradoxalmente, sofremos com o choque de realidade causado pela desilusão e desconstrução da mentalidade do fim da história, e ainda tentamos manter acesa a fé na democracia e nos valores iluministas. Apesar disso, o mundo moderno continua na prática tão brutal e insensível quanto em outras eras da história, ainda que em proporções e aspectos diferentes. Como filhos do Iluminismo, somos ainda hoje, e provavelmente sempre seremos, crianças confusas, idealistas lutando contra o absurdo e o grotesco da realidade objetiva, de sistemas e problemas que criamos para nós mesmos, lutando uns contra os outros. Um idealista depressivo e socialmente disfuncional; mesmo morto, Kleist continua nosso contemporâneo.

É somente pelo acesso à boa informação e pela coragem, muitas vezes ausente no próprio autor, de se deparar honestamente com os problemas do mundo e com as incoerências da vida, sejam elas impostas por forças externas, como a família, o Estado, a sociedade em geral, ou criadas por nós mesmos, que conseguiremos nos instruir e nos aperfeiçoar, na medida, naturalmente, em que tal tarefa hercúlea seja possível. Assim, é inadmissível que, no nosso século ainda tão jovem e confuso, mas extremamente promissor, o conhecimento e os questionamentos a certezas artificiais permaneçam restritos, pois Kleist era prussiano, pomerano, europeu, mas poderia ter sido americano ou brasileiro, e certamente não falou de uma única nação, mas de todo o gênero humano.

2. TEXTO E TRADUÇÃO

O presente capítulo é dividido em três partes: na primeira, apresento o texto e forneço informações a respeito dele; na segunda, comento decisões que foram tomadas e convenções que foram estabelecidas para lidar com alguns problemas inerentes à tradução de um texto produzido num passado razoavelmente distante; na terceira, apresento minha tradução da primeira carta. Nesta seção, as notas de rodapé do texto de chegada estão indicadas pela abreviatura “N.T.” (nota da tradução).

2.1. Informações acerca do texto

O texto de partida da tradução foi o que se encontra disponível online no site do *Projekt Gutenberg* e, visto isso, minha tradução buscou manter os elementos meta e supratextuais da dita versão. Por exemplo, muitas vezes o nome da pessoa endereçada aparece completado por colchetes, dando a entender que o preenchimento se deve à pessoa ou grupo que primeiro se interessou em estudar ou catalogar as cartas. Um exemplo da primeira carta: *An Rühle [von Lilienstern]* — Traduzido por: *Para Rühle [von Lilienstern]*. Outro, da terceira, onde Kleist somente escreveu as iniciais da pessoa endereçada: *An R[ühle] v[on] L[lilienstern]* — Traduzido por: *Para R[ühle] v[on] L[lilienstern]*.

É o mesmo com as assinaturas, nas quais Kleist coloca desde suas iniciais (H. v. K.) na terceira carta até letras e possíveis abreviações como “x”, “Ny”, “cb” e “tz”, dentre outras, sempre seguidas de ponto. A tradução conservou as assinaturas sem qualquer alteração. Outro caso também é o da formatação do texto, em particular de elementos destacados em itálico e do uso ou ausência de recuos em início de parágrafo, ambas características que foram mantidas conforme o texto de partida.

As cartas consistem de ensaios (*Aufsätze*), pequenos textos argumentativos, conselhos e reflexões, estas possivelmente destinadas a alguém não nomeado nem indicado, ou ao próprio autor, como anotação ou lembrete (como no caso dos *Fragmentos*). Assim, um aspecto inerente ao projeto foi a reapropriação da função e do público-alvo das cartas, visto que seus pretendidos leitores estão todos mortos e que eles muito provavelmente não sabiam ler português. A função das cartas, uma vez comunicar, corresponder, argumentar com ou aconselhar determinado indivíduo, passou então a ser tornar acessíveis esses fragmentos da obra de Kleist (e “obra” é bastante cabível aqui porque muitas das cartas estão repletas de tons literários, ainda que não

narrativos, numa prosa e argumentação poética) para o público brasileiro. Devido à natureza do projeto, é razoável assumir que a grande maioria dos leitores se tratará de pessoas que já conhecem o autor e têm interesse suficiente para ler textos laterais como suas cartas. Também o estudioso de Kleist, o mais interessado de todos, se beneficiará do estudo das cartas, onde, diferentemente das obras públicas, como suas peças e novelas, é possível se deparar com um aspecto mais pessoal do autor e perscrutar a intimidade de suas ideias e sentimentos de forma mais direta.

Uma das consequências dessa alteração de público-alvo é a necessidade de explicitar referências que seriam claras às pessoas para as quais cada carta foi escrita, problema resolvido em geral pelo uso de notas de rodapé e, eventualmente, por uma tradução explicativa no corpo do texto, como se poderá ver no capítulo 3.

2.2. Aspectos do processo de tradução

Kleist escreveu na transição do século XVIII para o XIX para um público de sua época e, se tratando de suas cartas, isso é ainda mais verdade. Ao mesmo tempo, o autor é um poeta e, assim sendo, o texto apresenta certo estranhamento ao leitor contemporâneo devido, além da distância temporal, à linguagem de registro elevado e aos tons poéticos. Assim, foi acordado no início do projeto que se buscava preservar esse elemento de estranheza por meio de escolhas que acrescentassem um tom arcaizante ao texto de chegada.

Apesar de ser uma tradução escrita no século XXI para leitores contemporâneos, o uso de uma linguagem moderna causaria em tais leitores uma dissociação com relação à temporalidade do texto. Ao mesmo tempo, a proposta não foi em momento algum buscar um resultado verdadeiramente autêntico, para o qual seria necessária grande familiaridade com textos brasileiros da mesma época, mas sim causar no leitor brasileiro um estranhamento semelhante ao que o texto de partida causa no leitor alemão, buscar um tom arcaizante, não uma linguagem arcaica.

Também a respeito da questão da temporalidade, tal intenção de produzir um texto arcaico “autêntico” também teria que seguir as convenções ortográficas da época, o que, novamente, não foi o caso desse projeto. Não é dado em que medida o *Projekt Gutenberg* conservou a grafia dos originais escritos pelo próprio Kleist, mas *corpora*

como os do site *kleist-digital*¹¹ indicam que o próprio texto de partida da tradução foi de alguma forma atualizado, visto que Kleist fazia uso de convenções gráficas de sua época como o emprego do caractere conhecido como “s longo” ⟨ ʃ ⟩ (logo, *Gefchenck* para *Geschenk* e *du ſchlägft* para *du schlägst*) e de uma pequena letra ⟨ e ⟩ acima de uma vogal, por exemplo ⟨ ä̇ ⟩, indicando o processo de *Umlaut*¹² ao invés do trema como manda a norma corrente, como se pode ver na segunda linha de *Michael Kohlhaas*, na profissão do protagonista, *Rosshändler* (“vendedor de cavalos”, grafia atual).¹³ A grafia antiga do texto de partida foi desconsiderada e a tradução concorda com o acordo ortográfico corrente da língua portuguesa.

Ainda sobre a ortografia, em vários momentos ocorrem variantes que provavelmente indicam traços de oralidade, mas que estão em desacordo com a norma atual, como a oclusão do ⟨ e ⟩ em palavras onde ele talvez não fosse pronunciado (como *sehn* para *sehen*, *sichern*, enquanto adjetivo declinado, para *sicheren*, *unsre* para *unsere* e *andre* para *andere*). Também é válido lembrar aqui que, tendo vivido até 1811, Kleist é anterior mesmo à unificação de 1871; ele é, no entanto, posterior à unificação (ou melhor, aproximação) linguística trazida por Lutero.

Por outro lado, também há a presença da mesma letra onde hoje ela não é nem escrita nem pronunciada, e não me atrevo a especular se o próprio Kleist a teria pronunciado em sua época. O contexto dessa diferença parece ser particularmente na declinação de substantivos no caso dativo, como em *aus einem Fasse* (“de um barril”), *auf dem Wege* (“no/pelo caminho”) ou *im allgemeinen Sinne* (“no sentido geral”), embora algumas dessas flexões ainda sejam usadas, eventualmente com outro sentido.

Quanto à gramática, a língua alemã tem uma distinção de formalidade nos pronomes pessoais de segunda pessoa, o *du* informal, que conjuga como segunda pessoa do singular, e o *Sie* formal, com inicial maiúscula e que conjuga como terceira pessoa

¹¹ Ver nas referências, ou em: www.kleist-digital.de/

¹² Nome na tradição alemã para o processo de metafofia, onde a vogal altera sua qualidade por influência de outra. Assim, em *Mann* x *Männer*, o /e/ do plural “puxa” o /a/ para cima. Não confundir com o Ablaut, em português “apofonia”, termo que tem outro contexto de uso. Ambos são, todavia, processos de assimilação. Quando a vogal que causa a mudança desaparece, mas seu efeito se cristaliza, surge um padrão sincronicamente considerado irregular, como por exemplo no inglês *mouse* e *mice*, *foot* e *feet*, *tooth* e *teeth* etc, onde em estágios anteriores da língua havia uma vogal que marcava o número plural e que alterou a qualidade da vogal da raiz antes de desaparecer.

¹³ Ver nas referências, ou em: www.kleist-digital.de/erzaehlungen/kohlhaas

do plural. A fim de preservar essa distinção de tratamento, optei pela oposição entre *tu* e *você*, conjugando como segunda e terceira pessoas do singular, respectivamente.

Quanto à estrutura do texto, mantive a divisão de parágrafos segundo o texto de partida; as quebras de oração, no entanto, foram alteradas quando houve necessidade, em geral por meio da separação de uma sentença em duas, dada a diferença nos sistemas sintáticos de ambas as línguas.

2.3. A tradução

Ensaio sobre como encontrar o caminho assegurado da felicidade e desfrutá-lo tranquilamente – mesmo sob as maiores tribulações da vida!

Para Rühle [von Lilienstern]

Por Heinrich Kleist

Nós vemos os grandes desta Terra em posse dos bens do mundo. Eles vivem em glória e abundância, os tesouros da arte e da natureza parecem se reunir ao seu redor e para eles, e por isso se diz que foram favorecidos pela sorte, pela fortuna¹⁴. Mas o descontentamento turva sua visão, a dor branqueia suas bochechas e o lamento fala de todas as suas características.

Por outro lado, vemos um pobre trabalhador diarista que ganha seu pão com o suor de seu rosto; escassez e pobreza o rodeiam, sua vida inteira parece ser uma eterna preocupação, labuta e penúria. Mas o contentamento está estampado em seus olhos, a alegria sorri em seu rosto, júbilo e esquecimento rodeiam toda a sua figura.

Você vê, meu amigo, a noção que as pessoas têm de felicidade e infelicidade *nem sempre* é verdadeira; pois sob todos os favores da felicidade externa vimos lágrimas nos olhos de um e, sob toda a negligência da mesma, um sorriso no rosto do outro.

Se a regra da felicidade se fundamenta apenas de forma tão incerta nas coisas externas, onde então ela se sustentará de forma segura e imutável? Eu creio, meu amigo, que somente onde ela é apreciada e nos faz falta, no nosso *interior*.

¹⁴ N.T. – Em alemão, “Glück” significa tanto “sorte, boa fortuna” quanto “felicidade”, e assim Kleist usa a mesma palavra para ambas. Em português, se diz das pessoas ricas que são sortudas, afortunadas, não necessariamente felizes, por mais que se possa dizer que a sorte e a riqueza implicam felicidade.

Ela *deve* se fundamentar em algum lugar da criação, o epítome de *todas* as coisas *deve* conter as causas e os constituintes da felicidade, meu amigo, pois a divindade não enganará o anseio por felicidade que ela mesma despertou indelevelmente em nossa alma, não trairá a esperança com a qual inequivocamente nos indica uma felicidade possível. Pois ser feliz é o primeiro de todos os nossos desejos, que fala alto e vívido de cada veia e de cada nervo do nosso ser, que nos acompanha durante todo o curso de nossa vida, que jazia oculto já no primeiro pensamento infantil de nossa alma e que finalmente levaremos conosco para o túmulo quando velhos. E onde, meu amigo, pode esse desejo ser realizado, onde pode a felicidade melhor se fundamentar, do que onde se encontram os instrumentos de seu deleite, nossos sentidos, com os quais toda a criação se relaciona, onde o mundo, com suas imensuráveis sensações, é replicado em miniatura?

Lá ela pertence a nós apenas; não depende de circunstâncias externas; nenhum tirano pode nos roubar dela, nenhum malfeitor pode perturbá-la; nós a levamos conosco por todas as partes do mundo.

Se a felicidade dependesse apenas de circunstâncias externas, apenas do acaso, meu amigo, e mesmo se você me desse mil exemplos disso: aquilo que entra em conflito com a bondade e sabedoria divinas não pode ser verdadeiro. Todos estão igualmente próximos do coração de Deus, enquanto que apenas uma minoria é favorecida pelo destino; para a maioria, portanto, os prazeres da felicidade estariam perdidos para sempre. Não, meu amigo, Deus não pode ser tão injusto, deve haver uma felicidade que se possa desvincular das circunstâncias externas, todos têm direitos iguais a ela que deve, portanto, ser possível para todos na mesma medida.

Não vinculemos, então, a felicidade a circunstâncias externas, o que a tornaria volúvel como o suporte sobre o qual ela repousa; que a vinculemos antes à virtude como recompensa e incentivo, e assim ela se apresentará numa forma mais bela e sobre uma base segura. Essa ideia lhe parece verdadeira em ocasiões específicas e sob determinadas circunstâncias, meu amigo; *ela é verdadeira em todas*, e me alegro de antemão pelo fato de que vou convencê-lo disto.

Quando lhe estabeleço de tal forma a felicidade como recompensa da virtude, a primeira inicialmente aparenta ser um fim e a outra somente um meio. Assim, eu sinto que nesse sentido a virtude também não se apresenta em sua função mais elevada e

sublime, sem conseguir indicar daí como essa relação pode ser alterada. É possível que seja uma qualidade de algumas poucas e mais belas almas amar e praticar a virtude com um fim nela mesma. Mas meu coração me diz que a expectativa e a esperança pela felicidade humana, e a perspectiva de prazeres virtuosos, mesmo que já não tão puros, não são, no entanto, puníveis ou criminosas. Se há um egoísmo no fundo de tais atitudes, é o mais nobre que se pode imaginar, pois é o egoísmo da virtude em si.

E então, meu amigo, essas duas divindades servem uma à outra e se apoiam tão mutuamente, a felicidade como incentivo à virtude, a virtude como caminho para a felicidade, que a qualquer ser humano pode muito bem ser concedido o direito de pensar nelas lado a lado e como sinônimas. Não é possível melhor estímulo para a virtude do que a perspectiva de uma felicidade próxima, e não é concebível um caminho mais belo e nobre para a felicidade do que o caminho da virtude.

Mas, meu amigo, não é somente o mais belo e nobre – esquecemos o que queríamos provar, que ele é o único. Portanto, não hesite em tomar a virtude pelo que ela é, a condutora dos homens pelo caminho da felicidade. Sim, meu amigo, *só a virtude faz uma pessoa feliz*. Isto que os tolos chamam de felicidade não é realmente felicidade, mas apenas anestesia seu anseio pela verdadeira felicidade, na verdade só lhes ensina a esquecer de sua infelicidade. Somente siga o rico e fidalgo até seu quarto se ele pendura suas medalhas e faixas sobre a cama e se enxerga como um ser humano. Siga-o apenas na solidão; essa é a pedra de toque da felicidade. Lá você verá lágrimas rolando sobre bochechas pálidas, lá ouvirá suspiros erguendo-se de um peito comovido. Não, não, meu amigo, a virtude, e somente a virtude, é a mãe da felicidade, e *o melhor é o mais feliz*.

Você me ouve falar tanto e tão vividamente da virtude, e ainda assim sei que você associa apenas um significado sombrio a esta palavra; meu caro, comigo se passa o mesmo quando falo tanto dela. Só me parece uma coisa elevada, sublime, indizível, para a qual busco em vão uma palavra a fim de expressá-la através da linguagem, em vão uma forma a fim de expressá-la através de uma imagem. E, no entanto, luto por isso com a mais íntima intimidade como se ela estivesse clara e distintamente diante de minha alma. Tudo o que sei é que ela certamente conterà as ideias imperfeitas que só agora sou capaz de conceber; mas eu prevejo algo mais, algo ainda mais elevado, ainda mais sublime, e que é exatamente aquilo que não consigo expressar nem dar forma.

No entanto, sou confortado pela lembrança do quanto, no passado, o conceito de virtude era mais obscuro e confuso para minha alma do que é agora, e de como, pouco a pouco, desde que passei a pensar e a trabalhar em minha formação, a imagem da virtude ganhou para mim uma forma lapidada; por isso, espero e acredito que, à medida que essa imagem vá se esclarecendo cada vez mais em minha alma, ela também se apresentará para mim em contornos cada vez mais bem definidos, e quanto mais verdadeira ela se tornar, mais fortalecerá meu espírito e inspirará minha vontade.

Se eu fosse descrever em algumas linhas a vaga ideia que flutua ao meu redor como o ideal da virtude na imagem de um sábio, mencionaria apenas as qualidades que de vez em quando encontro dispersas numa só pessoa ou em outra e cuja visão particularmente me comove, por exemplo, nobreza de espírito, amor ao próximo, perseverança, modéstia, frugalidade etc.; mas, meu caro, isso nunca se tornaria uma pintura, permaneceria para você, assim como para mim, um enigma que sempre carece da palavra-chave que faz sentido de tudo. Mas, que bastem estas poucas linhas, ousou afirmar já agora que se nós, na instrução tão completa quanto possível de todas as nossas capacidades intelectuais, um dia também estabelecermos firmemente em nosso interior essas qualidades que nomeei, eu digo que, se nós, na formação de nosso juízo, no aumento de nossa percepção por meio de todo o tipo de experiências e estudos, com o tempo entrelaçarmos inabaláveis e indelévels em nossos corações os princípios da nobreza de caráter, da justiça, do amor ao próximo, da perseverança, da modéstia, da tolerância, da moderação, da frugalidade etc., sob essas circunstâncias afirmo que nunca seremos infelizes.

Eu chamo de felicidade apenas os prazeres plenos e efusivos que – para resumir numa linha – residem na alegre contemplação da beleza moral de nosso próprio ser. Esses prazeres, nosso autocontentamento, a consciência de boas ações, o sentimento de nossa dignidade, firmemente resguardada ao longo de todos os momentos de nossa vida, talvez contra mil tentações e seduções, são capazes, sob todas as circunstâncias externas da vida, mesmo sob as aparentemente mais tristes, de estabelecer os alicerces de uma felicidade segura, profunda e indestrutível.

Sei que você considera essa maneira de pensar um instrumento artificial, mas feliz, para filosofar além das turvas nuvens do destino e sonhar com o sol em meio a tempestades e trovões. Mas é, no entanto, duplamente ruim que você pense tão mal

desse poder celestial da alma, em primeiro lugar porque você carece infinitamente ao fazer isso, e em segundo lugar porque é difícil, na verdade impossível, fazer você ter uma opinião melhor dele. Mas lhe desejo felicidade e espero que o tempo e que seu coração possam lhe prover essa sensação, tão verdadeira e íntima quanto ela me animou no momento em que se manifestou para mim.

Você considera que o efeito mais útil dessa forma de pensar, ou melhor (pois é isso que realmente é) dessa forma de sentir, é que ela talvez sirva para proteger o homem do desespero sob o peso de um destino deprimente; e você acredita que mesmo que a razão e o coração possam realmente levar um homem a se sentir feliz mesmo sob circunstâncias externas desfavoráveis, ele sempre deve ser mais feliz em circunstâncias externas favoráveis.

Não posso dizer nada contra isso, meu amigo, porque seria um argumento inútil e mal compreendido. A felicidade de que falei não depende de nenhuma circunstância externa; ela acompanha aquele que a possui com igual força em todas as circunstâncias de sua vida, e a oportunidade de desenvolvê-la em prazeres está presente tanto em masmorras quanto em tronos.

Sim, meu amigo, mesmo acorrentado e atado na noite do calabouço mais escuro, você não crê e sente que mesmo aí existem sentimentos demasiadamente encantadores para o sábio virtuoso? Ah, na virtude existe um poder divino e secreto que eleva o homem acima de seu destino; em suas lágrimas amadurecem alegrias mais elevadas, mesmo em seu sofrimento reside uma nova felicidade. É como o sol, que nunca pinta o horizonte com o vermelho de suas chamas de forma tão divinamente bela como quando a escuridão da tempestade o cerca.

Ah, meu amigo, estou procurando e perscrutando palavras e imagens para convencê-lo dessa gloriosa e feliz verdade. Vamos nos deter na imagem do inocente no qual puseram amarras e grilhões – ou, melhor ainda, olhe para trás dois mil anos no passado, para aquele que foi o melhor e mais nobre dos homens, que morreu na cruz pela humanidade, olhe para Cristo. Ele adormeceu entre seus assassinos, ofereceu voluntariamente suas mãos para que fossem amarradas, suas caras mãos cuja única profissão era fazer o bem, afinal ele se sentia livre, mais do que os brutos que o ataram, sua alma estava tão cheia de consolo que ele ainda podia compartilhá-lo com seus amigos; moribundo, perdoou seus inimigos, sorriu com carinho para seus carrascos,

esperou tranquilo e alegre a morte terrível. Ah, a inocência caminha alegre por sobre mundos afundados! Todo um paraíso de sentimentos deve ter habitado seu peito, pois "ser injustiçado lisonjeia grandes almas".

Agora estou exausto, meu amigo, e tudo o que eu ainda poderia dizer não teria força alguma se comparado a esta imagem. Portanto, meu querido amigo, quero agora acreditar que o convenci de que a virtude faz os virtuosos felizes mesmo na infelicidade; e se eu quiser dizer algo mais sobre esse assunto, então vamos iluminar a tal da felicidade externa – para cujas sensações você parece ter um tino tão vívido – com a tocha da verdade.

A julgar pela imagem da verdadeira felicidade interior, cuja visão nos encantou tão vividamente: será que a riqueza, os bens, as dignidades e todas as frágeis dádivas do acaso merecem o nome *felicidade*? Nossa língua alemã não é tão pobre em nuances; pelo contrário, posso facilmente encontrar algumas palavras que expressam de forma muito adequada e correta o que estes bens causam, divertimento e bem-estar. Evidentemente os favoritos da fortuna desfrutam de uma maior abundância desses prazeres muito agradáveis do que seus enteados, embora seus elementos mais importantes sejam a novidade e a variação e, portanto, os pobres e abandonados não estão totalmente privados deles.

Estou até mesmo inclinado a acreditar que nesse aspecto é possível que eles tenham uma vantagem sobre os ricos e honrados, na medida em que estes últimos, por causa da variação muito frequente, facilmente entorpecem a sensação de prazer, ou até mesmo acabam por esgotar a variedade e então se deparam com vazios e lacunas, enquanto os outros se sustentam com prazeres moderados, saboreiam poucas vezes, porém mais intimamente a sensação de novidade, e nunca esgotam sua variedade, porque mesmo nela há certa uniformidade.

Mas que os grandes desta Terra tenham preferência sobre os humildes para se deleitarem e viverem luxuosamente, que todos os bens do mundo sejam oferecidos aos seus sentidos em busca de prazer, e que eles possam apreciá-los; só que, meu amigo, não queremos conceder-lhes o privilégio de serem felizes, eles não devem ser capazes de compensar a tristeza, se a merecem, com ouro. Há uma grande lei inexorável que rege toda a humanidade, à qual o príncipe está tão sujeito quanto o mendigo. A virtude é seguida de recompensa, o vício de punição. Ouro nenhum suborna uma consciência

ultrajada, e mesmo que o príncipe vicioso suborne todos os olhares, rostos e discursos, mesmo que ele invoque todas as artes da frivolidade, como Medéia convoca todos os perfumes da Arábia para mascarar o hediondo cheiro de assassinato de suas mãos – e mesmo que ele reúna o paraíso de Mahom ao seu redor para se distrair ou confortar – em vão! Ele é atormentado e atemorizado por sua consciência, tal como o mais insignificante de seus súditos.

Protejamo-nos, meu amigo, contra este que é o maior dos males, e assim protejemos ao mesmo tempo a nós mesmos e a todos os outros, e se, na sensualidade de nossa juventude, não pudermos evitar que desejemos, além dos prazeres da primeira e mais elevada felicidade interior, também os prazeres da externa, sejamos pelo menos tão humildes e modestos com estes desejos quanto é adequado para estudantes de sabedoria.

E agora, meu amigo, vou lhe dar um ensinamento de cuja verdade minha mente está convencida, embora meu coração se oponha constantemente a ela. Esta lição ensina a, dos caminhos que estão entre a mais elevada felicidade externa e a infelicidade, apenas andar pela trilha do meio e nunca direcionar nossos desejos para as alturas vertiginosas. Por mais que eu ainda odeie todo tipo de caminhos do meio porque sou tentado por um instinto naturalmente forte dentro de mim, eu, no entanto, prevejo que o tempo e a experiência um dia me convencerão de que eles são, ainda assim, os melhores. Uma razão particularmente importante para que desejemos apenas uma felicidade externa moderada é que ela se encontra com mais frequência no mundo e, assim, podemos ter menos medo de nos iludirmos.

Como é infeliz o ponto de vista nas alturas extraordinárias, foi o que profundamente senti no *Brocken*¹⁵. Não ria, meu amigo, há uma lei que rege tanto o mundo moral quanto o físico. A temperatura na altitude do trono é tão hostil, tão severa e tão inadequada à natureza humana quanto o cume do Blocksberg¹⁶, e a vista de um é tão ingrata quanto a do outro porque o ponto de vista de ambos é muito alto e assim a beleza e o encanto ao redor de ambos ficam muito abaixo.

¹⁵ N.T: O Brocken é uma montanha situada na cordilheira do Harz, no estado da Saxônia-Anhalt, que chega a 1.141 metros de altitude.

¹⁶ N.T: Outro nome para o Brocken. Aos curiosos, o nome também está vinculado a crenças envolvendo bruxaria e ao período de perseguição a supostas bruxas.

Por outro lado, lembro com muito mais prazer da vista na altura mediana e moderada do *Regenstein*¹⁷, onde nenhum véu nublado cobria a paisagem e todo o belo carpete, bem como sua infinita variedade, se apresentava clara e detalhadamente diante de meus olhos. O ar era moderado, nem quente nem frio, bem como é necessário para que se possa respirar livre e facilmente. No entanto, vou lhe escrever sobre a ideia figurativa de Homero a respeito da felicidade e infelicidade, embora eu já tenha lhe falado sobre isso.

No átrio do Olimpo, ele nos conta¹⁸, havia dois grandes recipientes, um cheio de prazeres, o outro de privações. Aquele a quem os deuses, diz *Homero*, preenchem com ambos os tonéis na mesma medida é o mais feliz; aquele cuja medida é desigual é infeliz, mas o mais infeliz é aquele que eles preenchem usando somente um único tonel.

Portanto, *privação e deleite*, essa seria a regra da felicidade externa, e o caminho, igualmente distante da riqueza e da pobreza, da abundância e da escassez, do resplendor e da escuridão, o feliz caminho do meio que queremos trilhar.

Agora, é claro, ainda cambaleamos por caminhos irregulares, mas, meu amigo, estamos desculpados por sermos jovens. A ebulição das forças internas que nos preenchem nessa fase da vida não permite qualquer calma de pensamento ou ação. Ainda não conhecemos a fórmula mágica; ela só o tempo traz consigo para apaziguar e tranquilizar os espectros maravilhosamente díspares que vasculham e perambulam por nosso interior. E todos os jovens que vemos ao nosso redor e ao nosso lado compartilham esse destino conosco. Todos os seus passos e movimentos parecem ser apenas o efeito de um impulso imperceptível, mas poderoso, que os leva para longe com uma força irresistível. Eles me parecem cometas que perambulam pelo espaço em círculos irregulares até que finalmente encontram uma órbita e uma lei de movimento.

Até esse momento, meu amigo, aguardemos e esperemos, e ao menos nos esforcemos para preservar o que já há de bom e belo em nossas almas. Especialmente, e mais nesse sentido, será bom para nós, e especialmente para você, se escolhermos a esperança como nossa deusa, pois parece que o prazer está fugindo de nós.

¹⁷ N.T: Ruínas de um castelo medieval no topo de um morro no distrito do Harz.

¹⁸ N.T: Referência ao canto XXIV da *Ilíada*, a partir do verso 527.

Pois uma das duas deusas, meu caro, sempre sorri para o homem, prazer para os felizes, esperança para os tristes. Também parece que a soma das coincidências felizes e infelizes permanece a mesma para cada um; quem não pensa naquele tirano de Siracusa, *Polícrates*, a quem a sorte acompanhava aonde quer que fosse, a quem nenhum desejo, nenhuma esperança jamais traiu, a quem o acaso até mesmo devolveu o anel que ele havia jogado no mar como um sacrifício voluntário ao azar?¹⁹ Assim, o recipiente de sua sorte se encheu plenamente; mas, num piscar de olhos, o destino restaurou seu equilíbrio, deixando com que ele morresse na forca. Muitas vezes, no entanto, o jovem desperdiça a sorte de sua vida inteira em poucos anos de juventude e depois passa fome na velhice. E, meu amigo, uma vez que seus anos de juventude passaram, mais ainda que os meus, tão privados de alegria, caso você ainda carregue dentro de si um profundo anseio por alegria, então você nutre e fortalece a esperança por tempos mais belos, pois me atrevo a, com alguma, na verdade com grande certeza, anunciar-lhe antecipadamente um futuro alegre e repleto de prazeres. Basta que pense, meu amigo, em nossos belos e magníficos planos, em nossas viagens. Quantos prazeres elas nos oferecem, mesmo os mais ricos nos acasos aparentemente mais desfavoráveis, pelo menos *após* estes, através da memória. Ou veja a conclusão de nossas viagens e *olhe para você mesmo*, um homem enriquecido em conhecimento, educado no coração e no intelecto pela experiência e pela atividade. Pois a formação deve ser o objetivo de nossa jornada e devemos alcançá-la; de outra forma, o projeto é tão absurdo quanto a execução é desajeitada.

Então, meu amigo, a terra será nossa pátria, e todos os homens nossos compatriotas. Poderemos ir aonde quisermos e lá sempre ser felizes. Sim, encontraremos nossa felicidade em parte na construção da felicidade de outros, e formaremos outros tal como até agora nós mesmos fomos formados.

Quantas alegrias não são concedidas apenas pela apreciação verdadeira e correta das coisas. Quantas vezes a infelicidade de um homem se baseia apenas no fato de que ele atribuiu efeitos impossíveis às coisas, ou tirou resultados errados das circunstâncias, e nisso se enganou em suas expectativas. Nós nos enganaremos menos, meu amigo, e então compreenderemos os segredos do mundo físico, bem como do mundo moral, até

¹⁹ N.T: Referência ao poema *O Anel de Polícrates* (“Der Ring des Polykrates”) de Friedrich Schiller, onde o faraó Amósis aconselha Polícrates a se desfazer do seu bem mais precioso a fim de evitar um castigo divino contra sua húbris.

onde o véu eterno reina sobre eles, e o que esperarmos da natureza com o olhar aguçado de nosso intelecto, certamente ela realizará. Sim, em certo sentido, é até possível guiar o próprio destino, e então, mesmo que a grande roda onipotente nos leve consigo, nunca perderemos nossos próprios sentimentos, nem a consciência de nosso valor. Mesmo neste caminho o sábio pode, como diz o poeta, *sorver mel de cada flor*. Ele conhece o grande ciclo das coisas, e por isso se alegra tanto com a destruição quanto com a bênção, pois sabe que nela reside o germe de novas e mais belas formações.

E agora, meu amigo, algumas palavras sobre um mal que, com desagrado, creio ter descoberto como um germe em sua alma. Sem, como parece, qualquer causa bem fundamentada, talvez inexplicável para você mesmo, sem qualquer experiência particularmente ruim, sim, talvez mesmo sem o conhecimento de um único indivíduo completamente mau, você aparenta odiar e evitar as pessoas.

Meu caro, na sua idade isto é especialmente ruim porque torna ainda mais necessária a associação com as pessoas e o apoio das mesmas. Não acredito, meu amigo, que este sentimento seja um traço fundamental de sua alma, pois destruiria a esperança de sua instrução perfeita, à qual, no entanto, suas outras disposições lhe dão direito, e distorceria infalivelmente seu caráter. Portanto, prefiro antes acreditar, como em particular suas declarações parecem indicar, que se trata de um daqueles sentimentos estranhos que não devem ser característicos de nenhuma alma humana, e especialmente não da sua, e que você, movido por algum espírito de estranheza e contradição, e seduzido por um impulso de distinção que lhe é inconfundível, somente plantou em sua alma por meio da arte e do esforço.

Transplantes, no sentido geral da palavra, meu amigo, não são bons, porque sempre perturbam a beleza do indivíduo e a ordem do todo. Transplantar frutas de regiões mais quentes para os países do norte – isso até pode funcionar, o trecho infértil do globo pode justificar os habitantes infelizes e sua interferência na ordem das coisas; mas transplantar os frutos deformados, fracos e sem substância do norte para a mais pujante das regiões ao sul – meu caro, a pergunta logo surge, *para quê?* Isso só se justifica pela eventual vantagem.

No entanto, meu amigo, por mais que eu pense e reflita, não surge um único benefício diante de minha alma, senão apenas exércitos de males.

Eu sei, e você já me disse muitas vezes, que sente uma vontade intensa de trabalhar, que já desejou trabalhar muito e em grande escala. Isso é belo, meu amigo, e digno de seu espírito; sua esfera de atividade também se revelará e os conceitos relativos de *grande* e *pequeno* serão determinados pelo tempo.

Mas estou prestes a encontrar aqui uma enorme contradição que não posso resolver de modo a preservar sua honra a não ser efetivamente apagando de sua alma o sentimento de ódio pelos seres humanos. Pois se você quer trabalhar e criar, se você quer sacrificar sua existência pela dos outros e, por assim dizer, multiplicar em mil vezes o seu ser, meu caro, se você somente deseja amealhar pelos outros, se somente pelos outros você quer sacrificar suas forças, seu tempo e sua vida, a quem então você pode fazer esse precioso sacrifício senão àquele que é mais caro ao seu coração e que habita mais próximo dele?

Sim, meu amigo, a atividade exige um sacrifício, um sacrifício exige amor, e por isso a atividade deve se basear num íntimo e verdadeiro amor ao próximo, ela teria então de ser egoísta e ter como único desejo criar por si mesma.

Gostaria de concluir aqui, meu amigo, pois aquilo que eu poderia lhe dizer a fim de combater o ódio aos seres humanos, caso você realmente seja tão infeliz a ponto de trancafiá-lo em seu peito, se torna tão difícil para mim quando penso nesse sentimento feio e repugnante que ultraja todo o meu ser. Misanthropia! Um ódio por todo o gênero humano! Ó Deus! É possível que num coração humano caiba tanto ódio?!

E não há então mais nada de amável entre os homens? Não restam virtudes entre eles, nenhuma justiça, nenhuma caridade, nenhuma modéstia na fortuna, nenhuma grandeza e perseverança na adversidade? Se extinguiram todos os pais íntegros, todas as mães ternas, todas as filhas devotas? Você não se comove com a visão de um tolerante devoto, um benfeitor secreto? Ou com a visão de uma bela inocência sofredora? Ou com a visão de uma inocência triunfante? Ah, e mesmo que houvesse apenas uma pessoa virtuosa em todo o mundo, esta única compensaria todo um inferno de malfeitores; por causa deste único indivíduo, não se pode odiar *toda a humanidade*. Não, querido amigo, em nosso modo de vida comum figura apenas o exterior das coisas, somente os efeitos fortes e violentos cativam nosso olhar, os moderados escapam dele no tumulto das coisas. Como alguns passam fome e zelam pelo bem-estar de seus filhos, como algumas filhas rezam e trabalham por seus pais pobres e doentes, como alguns

sacrifícios são feitos em silêncio, como algumas mãos caridosas operam no escuro. Mas o bom e o nobre causam apenas impressões suaves e, no final das contas, o homem ama os violentos, ele se deleita em admiração e encanto, e é precisamente diante do grande e do extremo onde os homens são fracos. E, se é apenas pelo grande e pelo extremo que você anseia, bem, meu amigo, esses prazeres também podem ser supridos, também há lugar para eles no círculo das coisas. Portanto, lhe aconselho novamente a história, não como curso, mas como leitura. Talvez, como você mesmo me contou, a sua imaginação tenha se afundado em tantos romances. Me perdoe por essa expressão vulgar, mas talvez essa leitura muito frequente seja culpada pela misantropia que se faz tão díspar e estranha comparada a seus outros sentimentos. Um coração bom e incauto se eleva tão prontamente nesses mundos fictícios, a visão de ideais tão perfeitos o encanta, e então, tão logo tira seus olhos do livro, a magia desaparece, ele se vê cercado pela dura e seca realidade e, ao invés de seus ideais, é uma visão cotidiana que lhe dá um sorriso malicioso. Nos ocupamos então com planos para a realização dessas fantasias e, muitas vezes, quanto mais intimamente nos engajamos, menos contribuímos, nas idas e vindas da sociedade, para sua concretização; então julgamos as pessoas incapazes demais para o nosso gosto e assim nasce o primeiro sentimento de indiferença e desprezo para com elas.

Mas quão diferente é com a história, meu amigo!²⁰ Ela é a representação fiel do que aconteceu entre os homens em todas as épocas. Ninguém acrescentou nada, ninguém omitiu nada, não há ideais fantásticos, não há poesia, nada além da história seca e verdadeira. E, no entanto, meu amigo, encontra-se nela belos e magníficos exemplos de caráter demonstrados por grandes homens sublimes, homens como Sócrates e Cristo, cuja trajetória de vida foi virtuosa do início ao fim; encontra-se feitos como os de Leônidas, de Regulus e de todos os inúmeros gregos e romanos, que alcançaram e ultrapassaram tudo o que a imaginação possa conceber. E aí, meu amigo,

²⁰ N.T: Neste ponto me vejo na obrigação de dizer que os exemplos que Kleist dá são em alguma medida romantizados e não condizem com o entendimento historiográfico atual. A noção de que a história é a representação fiel das coisas, sem adição, subtração, livre de influência ideológica ou poesia não corresponde ao entendimento corrente de como o registro e interpretação de eventos históricos estão sujeitos à subjetividade humana. Naturalmente, este não era o entendimento na época de Kleist. Hoje até questionamos se Sócrates e Jesus realmente existiram. É possível, por exemplo, que a história sobre o suicídio forçado de Sócrates seja um embelezamento do que realmente aconteceu. Com Jesus, é enorme a lista de incertezas e alterações propositais a respeito de sua vida e atos. Leônidas também é uma figura romantizada. O próprio Heródoto, o pai da história, sabemos hoje, fazia algumas afirmações baseado em folclore local, sem qualquer base empírica ou fonte confiável. Há certa poesia irônica no fato de que a noção que Kleist tinha da história também fosse idealizada, ele que buscava escapar à crueldade do mundo objetivo.

podemos realmente ver até que altura o homem pode se elevar, quão perto da divindade ele pode chegar! Isso pode e deve enchê-lo de admiração e encanto, mas, meu amigo, também deve preenchê-lo de amor pelo gênero do qual eles foram o orgulho, de amor pela grande espécie a que pertencem e cujo valor eles tão infinitamente elevaram e enobreceram com sua existência.

Talvez, nesse momento, você olhe ao seu redor para os povos da terra, procure e sinta falta de um Sócrates, um Cristo, um Leônidas, um Regulus etc. Não se engane, meu amigo! Todos esses homens eram grandes e raras pessoas, mas o fato de sabermos disso, de terem se tornado tão famosos, deve-se ao acaso, que tornou suas circunstâncias tão afortunadas de forma que a beleza de seu ser ascendeu como um Sol.

Sem *Meleto* e sem *Herodes*, *Sócrates* e *Cristo* talvez tivessem permanecido desconhecidos para nós, e ainda assim não teriam sido menos grandiosos e sublimes. Assim, caso nenhum ser tão admirável se apresente a você nesse momento, meu amigo, eu desejo apenas que você não pense que os homens caíram de suas alturas, mas sim que uma lei parece reger a humanidade, fazendo com que ela de modo geral permaneça sempre a mesma, por mais que frequentemente os povos possam mudar de aparência e de forma.

Por todos esses motivos, meu caro amigo, se ele realmente habita em seu peito, espante o feio, infausto e, como lhe convenci, infundado ódio contra os homens. Então basta que o amor e a benevolência tomem seu lugar. Ah, é tão tedioso e triste odiar e temer, e tão doce e alegre amar e confiar. Sim, meu amigo, realmente a felicidade não é possível sem o amor ao próximo, e um ser tão sem coração como um misantropo também não é digno da verdadeira felicidade.

E mais uma coisa, meu caro, você acha que aquela formação é possível sem amor ao próximo? Aquela à qual aspiramos com todas as nossas forças? Todas as virtudes se referem às pessoas e apenas são virtudes na medida em que são úteis a elas. Generosidade, humildade, caridade, com todas essas virtudes se faz a questão: para quem? Por quem? Para quê? E a resposta sempre se revela: para as pessoas e em seu benefício.

A viagem que planejamos será particularmente útil para lhe mostrar um lado muito amável das pessoas. Tenho expectativa e esperança de que ela traga mil

influências benéficas, mas, para você em especial, aquela que acabei de mencionar. A natureza da nossa viagem vai proporcionar uma relação feliz com as pessoas. Elas simplesmente não gostam de fazer o que se demanda em voz alta; preferem, porém, fazer o que se espera delas em silêncio.

Tivemos esta feliz experiência regularmente em nossa pequena caminhada pela região do Harz²¹. Quando entrávamos numa casa, cansados e esgotados da viagem, e pedíamos um copo de água ao próximo, quantas vezes aquelas pessoas honradas nos davam cerveja ou leite e se recusavam a aceitar nosso dinheiro. Ou abandonavam voluntariamente o trabalho e os negócios para guiar a nós, os perdidos, pelos caminhos corretos, muitas vezes distantes. Tais desejos silenciosos são frequentemente sentidos e realizados sem barulho ou exigência, e pagos com apertos de mão, porque as virtudes sociais são justamente aquelas que todos precisam em momentos de necessidade. Mas é claro, não se pode nem se deve exigir grandes sacrifícios.

²¹ N.T: Cordilheira no norte da Alemanha cujo ponto mais alto é o Brocken, já mencionado anteriormente.

3. COMENTÁRIOS

Apesar da tradução completa envolver 13 cartas, 12 das quais traduzi, selecionei apenas uma para comentar em virtude de sua extensão e da quantidade de tópicos que julguei interessantes e relevantes de serem abordados. Com isso não insinuo que as demais cartas estejam desprovidas de tópicos interessantes, mas apenas que estes, por virtude de sua extensão, se encontram em menor quantidade.

A carta em questão se destinava a Otto August Rühle von Lilienstern (1780-1847), amigo de Kleist que viria a se tornar tenente-general do exército prussiano. Ao final de 1795, as histórias de ambos se conectam ao atingirem a patente de *Fähnrich* na divisão de infantaria *Regiment Garde* (guarda do regimento). Kleist se tornaria tenente em 1797 e deixaria o serviço militar em 1799. Rühle, por outro lado, seguiu a carreira militar até o fim da vida, ainda que com algumas intermissões. Desde seu encontro, e apesar da eventual partida de Kleist do exército, ambos continuariam grandes amigos e correspondentes. Rühle inclusive apoiou os esforços literários de Kleist, ajudando a financiar a publicação de sua revista *Phöbus*.

3.1. Glück, derivados e variantes

O texto a ser abordado aqui é o *Aufsatz, den sichern Weg des Glücks zu finden und ungestört – auch unter den größten Drangsalen des Lebens – ihn zu genießen!*, de 1798 (THORWART, 2004), destinado a Rühle von Lilienstern e daqui para frente referido como *Aufsatz*, e a carta já traz em seu título o problema que será tratado nesta seção. No entanto, é primeiro necessário definir o que a palavra em questão significa.

O dicionário online Duden fornece três definições gerais para *Glück*, são elas:

- 1) algo que é o resultado da coincidência de circunstâncias particularmente favoráveis; acaso particularmente favorável, determinação favorável do destino²²; 2) a sorte personificada; Fortuna²³; 3a) estado mental agradável e alegre no qual alguém se encontra quando possui ou desfruta de algo que desejava; Estado de satisfação e

²² Etwas, was Ergebnis des Zusammentreffens besonders günstiger Umstände ist; besonders günstiger Zufall, günstige Fügung des Schicksals.

²³ Das personifiziert gedachte Glück (1); Fortuna.

entusiasmo interior²⁴; 3b) uma situação feliz em particular, uma ocasião ou experiência feliz²⁵.

A primeira e terceira definições claramente indicam o que em português chamamos, respectivamente, de “sorte” e “felicidade” ao mesmo tempo que também são os usos mais comuns da palavra. Embora seja verdade que não é incomum se dizer das pessoas ricas que são sortudas ou afortunadas (daí a associação de *fortuna* com riqueza) e que, por mais que se possa dizer que a riqueza e principalmente a sorte implicam felicidade, uma pessoa rica, bem como uma pessoa sortuda, pode não estar ou ser “feliz”. Essa exceção teve como causa primeira eu estar pensando em português, e é interessante ponderar em que nível a língua pode informar a percepção da realidade e a categorização dos conceitos. Não estou evocando aqui a hipótese de Sapir-Whorf²⁶, ao menos não a versão determinista, mas sim o que se convencionou chamar de “forma fraca” do relativismo linguístico (BROWN, 1976). Se língua é cultura e a cultura influencia nossas crenças, valores e modo de pensar sobre os signos presentes no mundo, então o argumento da forma fraca parece razoável. Assim, é óbvio que um falante de alemão teria como perceber e apontar as diferenças entre os conceitos que em português chamamos “sorte” e “felicidade”, e o próprio Duden reconhece a necessidade de estabelecer pelo menos duas definições distintas, mas talvez, nessa comparação, os falantes de português levassem ligeiramente menos tempo para apontar que “alegria” e “felicidade” não são a mesma coisa, pois teriam uma etapa de processamento a menos, por assim dizer, não tendo que primeiro reconhecer a polissemia de *Glück* e, de certa forma, opor seus significados, como seria o caso do alemão.

Agora cabe verificar o conceito em português. Assim, o Dicionário Houaiss online²⁷ dá as seguintes definições para “felicidade”:

²⁴ Angenehme und freudige Gemütsverfassung, in der man sich befindet, wenn man in den Besitz oder Genuss von etwas kommt, was man sich gewünscht hat; Zustand der inneren Befriedigung und Hochstimmung.

²⁵ Einzelne glückliche Situation; glückliches Ereignis, Erlebnis. (Tradução livre de todas as definições)

²⁶ A partir das ideias de Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, formalizadas por Roger Brown e Eric Lenneberg, a sobre a influência da língua na cognição. A versão forte presume que a estrutura da língua determina e limita a percepção e compreensão do indivíduo, e hoje já se encontra invalidada cientificamente. Evidências existem para corroborar a versão fraca, que diz que as estruturas e conceitos presentes na língua, adquiridos com ela, influenciam de alguma forma a percepção do mundo, porém sem o rigor determinista da versão forte.

²⁷ Ver nas referências, ou em:

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2

1) qualidade ou estado de feliz; estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar. 2) boa fortuna; sorte. Para sua f., o ônibus atrasou, e ele pôde viajar. 3) bom êxito; acerto, sucesso. F. na escolha de uma profissão.

E o Dicionário Online de Português²⁸, estas (numeração minha):

1) sensação real de satisfação plena; estado de contentamento, de satisfação. 2) Condição da pessoa feliz, satisfeita, alegre, contente. 3) Estado de quem tem boa sorte: para sua felicidade, o chefe ainda não chegou. 4) Circunstância ou situação em que há sucesso: felicidade na realização do projeto.

Destaque para a segunda definição do Houaiss e para a terceira do Dicio, que indicam os usos da palavra com o mesmo sentido de “sorte”. Mas então o problema parece estar resolvido e todos poderão reivindicar que “o português também tem uma palavra que serve para e associa os dois conceitos”, mas não muito além disso. A principal diferença que impede que essa escolha seja bem justificada é o contexto de uso de cada palavra. “Sorte” é muito mais comum do que os usos equivalentes de “felicidade” e “fortuna” hoje tem a ver com riqueza, conservando seu outro sentido num registro mais erudito ou em formas derivadas como “afortunado”, enquanto a língua alemã não tem duas boas alternativas ao mesmo tempo comuns e genéricas.

Para “felicidade” o mais próximo é *Freude*, que ocorre no texto, como poderá ser visto mais adiante, ou *Seligkeit*, que não aparece, mas tem uma conotação mais intensa e também religiosa. Já para “sorte”, especificamente no sentido positivo (boa sorte), existem *Dusel* e *Massel*, que são ambos menos frequentes e indicam uma sorte não merecida, e *Fortune*, que não é de uso geral, pertencendo a um registro instrucional.

Assim, apesar de outras escolhas tradutórias que visaram dar ao texto um tom arcaizante e, principalmente, certo distanciamento do leitor moderno para tentar compensar pelo distanciamento que há entre Kleist e o leitor alemão contemporâneo, a polissemia de *Glück* permanece extremamente comum e seu uso bastante frequente, de forma que não caberia usar uma polissemia menos conhecida e utilizada como a de “felicidade”, nem empregar em geral uma palavra cujo sentido pertinente é mais erudito, como “fortuna”. Assim, uma análise individual das ocorrências a fim de optar

²⁸ Ver nas referências, ou em: <https://www.dicio.com.br/felicidade/>

por “felicidade”, “sorte” ou “fortuna” com base no sentido e contexto de cada caso se mostrou a melhor alternativa.

Como a sorte é algo externo ao homem e, em geral, fora de seu controle, afirmação com a qual talvez o próprio Kleist não concordasse, e as pessoas normalmente buscam ser felizes, não necessariamente sortudas, e como o texto em sua grande parte fala de um estado de espírito, a palavra foi traduzida por “felicidade” no título. Assim: *Ensaio sobre como encontrar o caminho garantido da felicidade e desfrutá-lo tranquilamente – mesmo sob as maiores tribulações da vida!*

A próxima ocorrência, logo no primeiro parágrafo, é mais interessante: [Sobre os ricos e como as riquezas do mundo parecem se acumular ao redor deles] *und darum nennt man sie Günstlinge des Glücks — e por isso se diz que foram favorecidos pela sorte, pela fortuna*. Aqui recorri a um uso combinado do que Aixelá (1996) chamaria de “explicação intratextual” e “explicação extratextual”²⁹, pois somente *favorecidos pela fortuna*, nesse contexto, poderia dar a entender que Kleist se refere à riqueza que possuem, não à sorte que tiveram de nascerem ricos ou conseguirem acumular capital durante a vida. Mesmo assim, quis manter a palavra para mostrar a multiplicidade de opções apresentada brevemente na nota de tradução e para conservar uma reminiscência de formas derivadas (nesse caso, *glücklich* e *afortunado*), com *pela sorte* vindo primeiro para indicar que é o significado principal e para atenuar o eco da aliteração com “f”. Com relação a esse mesmo trecho, por fim, inseri a seguinte nota de tradução:

Em alemão, “Glück” significa tanto “sorte, boa fortuna” quanto “felicidade”, e assim Kleist usa a mesma palavra para ambas. Em português, se diz das pessoas ricas que são sortudas, afortunadas, não necessariamente felizes, por mais que se possa dizer que a sorte e a riqueza implicam felicidade.

Em seguida, no terceiro parágrafo, há três ocorrências, uma das quais é mais difícil de traduzir:

[Sobre o exemplo do rico triste e do diarista feliz] Was die Menschen also Glück und Unglück nennen, das sehn Sie wohl, mein Freund, ist es nicht immer; denn bei allen Begünstigungen des äußern Glückes haben wir Tränen in den Augen des erstern, und bei allen Vernachlässigungen desselben, ein Lächeln auf dem Antlitz des andern gesehen.

Traduzidas por:

²⁹ Segundo a tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva (2013).

Você vê, meu amigo, a noção que as pessoas têm de felicidade e infelicidade nem sempre é verdadeira; pois sob todos os favores da felicidade externa vimos lágrimas nos olhos de um, e sob toda a negligência da mesma, um sorriso no rosto do outro.

“Felicidade” e “infelicidade”, dado o contexto, parecem escolhas simples, por mais que, em algum nível, devido à natureza da língua, toda ocorrência da raiz *glück*-carregue ambos os sentidos.³⁰ Mais complexa, porém, é a noção de “felicidade externa”, que se refere aos bens materiais, riqueza e facilidades que alguém possui, semelhante à sorte ou boa fortuna, mas que contrasta com o conceito de “felicidade interna” (ou “interior”, o que em português se chama apenas de “felicidade”) que ocorre mais adiante no texto, claramente se referindo ao estado de espírito, na medida em que o indivíduo deve buscar pela felicidade interior independente de sua sorte com a exterior. Para manter a oposição de dentro e fora, material e espiritual, objetivo e subjetivo, tive de escolher uma palavra para o núcleo³¹ dos dois termos, e a mais adequada, dado o tema e título do texto, é “felicidade”.

Agora, para a segunda página, na qual Kleist começa a elaborar as noções a ser introduzidas de felicidade externa e interna, temos dois trechos relevantes, o primeiro: *Wenn das Glück nur allein von äußeren Umständen, wenn es also vom Zufall abhinge* [...] — Traduzido por: *Se a felicidade dependesse apenas de circunstâncias externas, apenas do acaso* [...]

E o segundo:

Lassen Sie uns also das Glück nicht an äußere Umstände knüpfen, wo es immer nur wandelbar sein würde, wie die Stütze, auf welcher es ruht; lassen Sie es uns lieber als Belohnung und Ermunterung an die Tugend knüpfen, dann erscheint es in schönerer Gestalt und auf sicherem Boden.

Traduzido por:

Não vinculemos, então, a felicidade a circunstâncias externas, o que a tornaria volúvel como o suporte sobre o qual ela repousa; que a vinculemos antes à virtude como recompensa e incentivo, e assim ela se apresentará numa forma mais bela e sobre uma base segura.

³⁰ Com isso incluo palavras como *Glück, Unglück, glücklich, unglücklich* etc.

³¹ Núcleo frasal, ou núcleo do sintagma. “Felicidade interior” se comporta aqui como uma única palavra, por sua vez composta de um substantivo e um adjetivo. Por mais que o termo caracterize um único conceito, o núcleo, o elemento central, tanto sintático quanto semântico é o substantivo, já que o adjetivo apenas o modifica. Apesar de funcionalmente uma palavra e um conceito, a construção que Kleist faz também nos diz que “felicidade interior” é um tipo de felicidade.

No primeiro trecho fica claro que se trata de felicidade, pois ela não deveria depender do acaso, que é a sorte neutra ou geral. No segundo, em que a *Glück* pode ser manipulada, se trata dos critérios que o indivíduo deve ou não estabelecer para que possa se considerar feliz.

Na página 4 também há passagens dignas de análise, a primeira sendo:

Diese Genüsse, die Zufriedenheit unsrer selbst, das Bewußtsein guter Handlungen, das Gefühl unsrer durch alle Augenblicke unsers Lebens vielleicht gegen tausend Anfechtungen und Verführungen standhaft behaupteten Würde, sind fähig, unter allen äußern Umständen des Lebens, selbst unter den scheinbar traurigsten, ein sicheres tiefgefühltes und unzerstörbares Glück zu gründen.

Traduzida por:

Esses prazeres, nos contentarmos com nós mesmos, a consciência de boas ações, o sentimento de nossa dignidade, firmemente resguardada ao longo de todos os momentos de nossa vida, talvez contra mil tentações e seduções, são capazes, sob todas as circunstâncias externas da vida, mesmo sob as aparentemente mais tristes, de estabelecer os alicerces de uma felicidade segura, profunda e indestrutível.

A tradução neste caso é fácil, além do contexto, graças à oposição com "triste" (*traurig*). Quanto à segunda:

Aber ich wünsche zu Ihrem Glücke und hoffe, daß die Zeit und Ihr Herz Sie die Empfindung dessen, ganz so wahr und innig schenken möge, wie sie mich in dem Augenblick jener Äußerung belebte.

Traduzida por:

Mas lhe desejo felicidade e espero que o tempo e que seu coração possam lhe prover essa sensação, tão verdadeira e íntima quanto ela me animou no momento em que se manifestou para mim.

Aqui poderia se tratar de sorte no sentido de o amigo de Kleist conseguir mudar sua visão de mundo, mas, levando em conta o contexto, se percebe que Kleist está desejando felicidade uma vez que seu amigo não segue totalmente seus preceitos para obter a boa e duradoura felicidade. Além disso, empregos externos ao texto também ajudam a informar a decisão, visto que *Glück wünschen* significa “desejar felicidade”, cristalizada no composto *der Glückwunsch* (o parabéns), e assim, também, a expressão

formulaica para a comemoração anual do nascimento de alguém é “equivalente” ao nosso “feliz aniversário”.³²

O próximo caso, na página 6, envolve uma questão que escapou à primeira revisão: *Daher will ich nun, mein lieber Freund, glauben Sie überzeugt zu haben, daß die Tugend den Tugendhaften selbst im Unglück glücklich macht.* Atualmente traduzido por: *Portanto, meu querido amigo, quero agora acreditar que o convenci de que a virtude faz os virtuosos felizes mesmo na infelicidade.*

Inicialmente eu havia optado por "felizes mesmo na desgraça", mas, ao reler e revisar novamente a carta, já com alguns meses de distância do texto, percebi que seria bom manter o jogo de palavras que Kleist faz ao utilizar a mesma raiz, e acrescentar consistência com relação a ocorrências anteriores; assim, alterei a palavra para "infelicidade".

E, na página 8, um dos trechos que se mostrou mais trabalhoso para traduzir, relacionado a referências externas feitas pelo autor, na qual é preciso se inteirar do contexto intertextual para alcançar uma tradução mais bem informada, ou pelo menos para ter certeza do que o problema se trata:

Ich werde Ihnen doch die bildliche Vorstellung Homers aufschreiben, die er sich von Glück und Unglück machte, ob ich Ihnen gleich schon einmal davon erzählt habe. Traduzido por: *No entanto, vou lhe escrever sobre a ideia figurativa de Homero a respeito da felicidade e infelicidade, embora eu já tenha lhe falado sobre isso.*

Vou retomar essa referência em outra seção, mas aqui se poderia pensar em substituir os dois termos (*Glück und Unglück*) por “fortuna”, no seu sentido neutro e genérico, ou em optar por "sorte" e "azar". Ambas as opções, no entanto, não funcionam muito bem no contexto da história, da “ideia figurativa de Homero”, já que Zeus está distribuindo bênçãos e males para cada mortal. Assim, a história tem relação com a sorte, com ser eleito por ou conquistar as graças de um deus que, despejando bênçãos e males de maneira equilibrada, fará com que determinado indivíduo seja feliz. Mas esse

³² *Herzlichen Glückwunsch zum Geburtstag!* — “de coração, desejo de felicidade para o dia do nascimento” numa tradução morfológica literal.

aspecto, é claro, como Kleist inclusive explicita alguns parágrafos à frente³³, se trata apenas da felicidade externa, que está mais vinculada aos conceitos de fortuna, tanto como sorte quanto como a posse de bens materiais. Ela é, no entanto, dependente do acaso, no exemplo homérico, dos caprichos de um deus. A anedota de Homero fala sobre como, mediante a escolha de Zeus (o aspecto fora do controle individual, onde se trata de sorte, de ser abençoado ou amaldiçoado), o homem vive feliz ou padece em sofrimento. Dessa forma, percebe-se que o assunto em si é a felicidade (ou infelicidade). É o mesmo caso quando Kleist declara no parágrafo seguinte que:

Aquele a quem os deuses, diz Homero, preenchem com ambos os tonéis em igual medida é o mais feliz; aquele cuja medida é desigual é infeliz, mas o mais infeliz é aquele que eles preenchem usando somente um único tonel.

Traduzido do texto de partida:

Wem die Götter, so spricht Homer, aus beiden Fässern mit gleichem Maße messen, der ist der Glückliche; wem sie ungleich messen, der ist unglücklich, doch am unglücklichsten der, dem sie nur allein aus einem Fasse zumessen.

Trata-se, portanto, do mais feliz, do infeliz e do mais infeliz, não do mais sortudo (ou afortunado), do azarado (ou desafortunado) e do mais azarado (ou desafortunado).

Mais à frente³⁴, porém, pode-se ver ocorrências em que seria incorreto traduzir *Glück* por “felicidade” (grifo meu):

Auch scheint es, als ob die Summe der glücklichen und der unglücklichen Zufälle im ganzen für jeden Menschen gleich bleibe; wer denkt bei dieser Betrachtung nicht an jenen Tyrann von Syrakus, Polykrates, den das **Glück** bei allen seinen Bewegungen begleitete, den nie ein Wunsch, nie eine Hoffnung betrog, dem der **Zufall** sogar den Ring wiedergab, den er, um dem **Unglück** ein freiwilliges Opfer zu bringen, ins Meer geworfen hatte. So hatte die Schale seines **Glücks** sich tief gesenkt; aber das Schicksal setzte es dafür auch mit einem Schlage wieder ins Gleichgewicht und ließ ihn am Galgen sterben.

Traduzido por:

Também parece que a soma das coincidências felizes e infelizes permanece a mesma para cada um; quem não pensa naquele tirano de

³³ “Portanto, privação e deleite, essa seria a regra da felicidade externa, e o caminho, igualmente distante da riqueza e da pobreza, da abundância e da escassez, do resplendor e da escuridão, o feliz caminho do meio que queremos trilhar.”

³⁴ Na divisa entre as páginas 8 e 9.

Siracusa, Polícrates, a quem a **sorte** acompanhava aonde quer que fosse, a quem nenhum desejo, nenhuma esperança jamais enganou, a quem o **acaso** até mesmo devolveu o anel que ele havia jogado no mar como um sacrifício voluntário ao **azar**? Assim, o recipiente de sua **sorte** se encheu plenamente; mas, com um golpe, o destino restaurou seu equilíbrio, deixando com que ele morresse na forca.

Quanto às coincidências, elas funcionam tanto como “felizes/infelizes” quanto como “afortunadas/desafortunadas”, mas o mesmo não é o caso após a menção de Polícrates, onde o texto só faz sentido quando se leva o significado equivalente a “sorte” em consideração. Outro elemento auxiliar é, mais uma vez, a oposição semântica que Kleist estabelece entre “sorte”, “azar” e “acaso” (*Glück, Unglück* e *Zufall*, respectivamente).

Anteriormente à nova revisão, eu havia traduzido o segundo *Glück* por “boa fortuna” para evitar certa cacofonia, mas havia me detido na questão da necessidade de manter ou não o adjetivo. Por mais que a fortuna, como a sorte, possa ser boa ou má, a palavra sozinha nunca pode ser especificamente negativa, só indeterminada ou genérica, e pela oposição com o azar (ou má sorte) já fica claro o sentido. No entanto, durante o cotejo, percebi, como se pode perceber no trecho acima, que a aliteração está presente no texto de partida, curiosamente também com sibilantes (*So hatte die Schale seines Glücks sich tief gesenkt*, e, na tradução: *Assim, o recipiente de sua sorte se encheu plenamente*). Assim, mais uma questão de adequação e estética do que de certo ou errado, optei por substituir a palavra, e ao mesmo tempo removi o adjetivo, por mais que “o recipiente de sua boa sorte” também fosse aceitável como outra opção estética, mas não há necessidade de especificar o tipo de sorte pelo mesmo motivo que não havia para “fortuna”.

Quanto ao contexto da referência feita por Kleist, ela remete ao poema “*O Anel de Polícrates*” (*Der Ring des Polykrates*) de Friedrich Schiller, onde o faraó Amósis aconselha Polícrates a se desfazer de seu bem mais precioso a fim de evitar um castigo divino contra sua *húbris*.

Imediatamente após a história de Polícrates, há outra ocorrência em que a tradução mais adequada pareceu ser “sorte”, quando Kleist declara que *oft verpraßt indes ein Jüngling in ein paar Jugendjahren den Glücksvorrat seines ganzen Lebens, und darbt dann im Alter* — Traduzido por: *Muitas vezes, no entanto, o jovem*

desperdiça a sorte de sua vida inteira em poucos anos de juventude e depois passa fome na velhice.

Na página 11 há uma das ocorrências mais ambíguas:

Und gibt es denn nichts Liebenswertes unter den Menschen mehr?
Und gibt es keine Tugenden mehr unter ihnen, keine Gerechtigkeit,
keine Wohltätigkeit, keine Bescheidenheit im Glücke, keine Größe und
Standhaftigkeit im Unglück?

Traduzido por:

E não há então mais nada de amável entre os homens? Não restam virtudes entre eles, nenhuma justiça, nenhuma caridade, nenhuma modéstia na fortuna, nenhuma grandeza e perseverança na adversidade?

Glück e *Unglück* aqui poderiam ser interpretados das duas formas, tanto querendo dizer “felicidade” quanto “sorte”. É possível, porém, enxergar essa passagem como se tratando, novamente, da felicidade exterior visto que Kleist defende a existência de pessoas virtuosas, as virtudes da modéstia, grandeza e perseverança estando relacionadas à reação do indivíduo às suas condições externas (em tempos de *Unglück* é preciso ter perseverança etc). Assim, faria sentido usar os antônimos “sorte” e “azar”; no entanto, para conservar um pouco do sentido amplo ou indeterminado, optei pelas alternativas laterais, “fortuna” significando vagamente boas condições, uma boa sorte ou felicidade externa, e “adversidade” carregando o sentido oposto.

Uma das últimas ocorrências dignas de destaque no *Aufsatz* se encontra nas páginas 12 e 13, quando Kleist argumenta sobre figuras como Sócrates, Cristo, Leônidas e Regulus:

Alle diese Männer waren große, seltne Menschen, aber daß wir das wissen, daß sie so berühmt geworden sind, haben sie dem Zufall zu danken, der ihre Verhältnisse so glücklich stellte, daß die Schönheit ihres Wesens wie eine Sonne daraus hervorstieg.

Traduzido por:

Todos esses homens eram grandes e raras pessoas, mas o fato de sabermos disso, de terem se tornado tão famosos, deve-se ao acaso, que tornou suas circunstâncias tão afortunadas de forma que a beleza de seu ser ascendeu como um Sol.

Glücklich aqui significa exatamente “afortunadas”, assim, por razões estéticas, optei por essa alternativa ao invés de usar algo como “tornou suas circunstâncias tão sortudas”, “tão felizes” ou ainda “tão felizardas”.

Por fim, na página 13 se encontra um *hapax legomenon*³⁵, tomando o texto como referencial, cuja tradução exigiu uma novíssima alternativa. A passagem em questão é a seguinte:

Aus allen diesen Gründen, mein teurer Freund, verscheuchen Sie, wenn er wirklich in Ihrem Busen wohnt, den häßlich unglückseligen und, wie ich Sie überzeugt habe, selbst ungegründeten Haß der Menschen.

Traduzida por:

Por todos esses motivos, meu caro amigo, se ele realmente habita em seu peito, espante o feio, infausto e, como lhe convenci, infundado ódio contra os homens.

A fim de compensar o uso de uma palavra infrequente (*unglücklich*), optei por usar “infausto” ao invés de “infeliz”. O registro da palavra é adequado ao tom e linguagem do texto.

3.2. Menschenliebe x Menschenhass

O próximo tópico de análise é acerca dos antônimos *Menschenliebe* e *Menschenhass* e suas eventuais variações. Como antes, é conveniente primeiro estabelecer o significado padrão das palavras a serem trabalhadas para poder melhor entender seu emprego no texto.

Assim, a entrada do dicionário online Duden para *Menschenliebe* fornece o seguinte significado: *Liebe des Menschen zum Menschen; Nächstenliebe* — “Amor de uma pessoa por outra; amor ao próximo”.

Seguindo as menções feitas na definição e na seção de sinônimos, temos *Nächstenliebe* e *Humanität*, e, a partir destes, *Humanitas* e *Philanthropie* também remetem à busca inicial.

A definição de *Nächstenliebe* fornecida pelo Duden é: *Innere Einstellung, aus der heraus jemand bereit ist, seinen Mitmenschen zu helfen, für sie Opfer zu bringen* (“Atitude interior a partir da qual alguém está preparado para ajudar seus companheiros humanos, para fazer sacrifícios por eles”). Daí já se pode perceber a importância dada

³⁵ Do grego ἄπαξ λεγόμενον (“dito uma única vez”), se refere a uma palavra ou expressão encontrada uma única vez em determinado corpus como num manuscrito ou mesmo da língua inteira. O uso aqui se refere não somente ao *Aufsatz*, mas ao *Aufsätze und kleine Schriften* como um todo.

não somente à afeição, mas também ao zelo, à disposição de ajudar o próximo, o que faz lembrar do final da carta, onde Kleist dá ao seu remetente um exemplo de *Nächstenliebe* sem, todavia, usar a palavra, por mais que uma forma flexionada de *der Nächste* (“o próximo”) apareça, talvez até intencionalmente.

Visto o contexto cultural em que Kleist estava inserido, não é estranho nem inesperado que conotações religiosas comecem a aparecer. Para isso, o exemplo do Duden é bastante conveniente: *Etwas aus [reiner, christlicher] Nächstenliebe tun.* — “Fazer algo por [puro] amor ao próximo [cristão]”.

A definição de *Humanität* leva diretamente ao próximo conceito: *Vom Geist der Humanitas durchdrungene Haltung, Gesinnung; Menschlichkeit* (“Atitude, modo de pensar, repleto do espírito de *Humanitas*; humanidade”). E *Humanitas*, por sua vez, significa: *Menschlichkeit, Menschenliebe (als Grundlage des Denkens und Handelns)* (“Humanidade, amor aos seres humanos (como princípio do pensamento e das ações)”).

Por fim, *Philanthropie*, cujo significado fornecido pelo Duden é apenas *Menschenliebe*, é talvez o sinônimo etimologicamente mais próximo, possivelmente até um calque³⁶, por mais que talvez não o seja, visto que vem do grego *φιλάνθρωπος* (*philánthropos*), em última instância de *φιλία* (*philíā*) e *ἄνθρωπος* (*ánthrōpos*), ou seja, “amor (ou afeição) por seres humanos”.

Ainda, há duas palavras que estão no mesmo campo semântico de *Menschenliebe* e que aparecem no texto: *Wohltätigkeit*, traduzida como “caridade”, e *Wohllollen*, traduzida como “benevolência”. Assim, em prol de manter a variedade lexical usada por Kleist, não me pareceu adequado traduzir *Menschenliebe* por “caridade”, que em outro contexto teria sido completamente aceitável. Também descartei “filantropia” para evitar confusão com o sentido mais popular da palavra, denotando a prática de fazer doações, ou, em geral, de ajudar pessoas necessitadas, ao invés do sentimento em si.

O Duden oferece, no entanto, somente um sinônimo para *Menschenhass*, na definição: *Hass gegen die Menschen; Misanthropie* (“Ódio contra os seres humanos; misantropia”). A definição de *Misanthropie*, por sua vez, é circular, apenas

³⁶ Calque, calco ou decalque é uma tradução por empréstimo linguístico, uma tradução morfológica ou literal que preserva os componentes da língua fonte e os replica na língua alvo.

“*Menschenhass*”; mais curiosa, porém, é a seção de antônimos, onde consta somente “*Philanthropie*”, oposição que faz bastante sentido etimológico, visto que ambas palavras compartilham um mesmo elemento composicional, no caso “misanthropia” se tratando do ódio, *μῖσος* (mîsos), ao ser humano, *ἄνθρωπος* (ánthrōpos).

Outro termo relevante, mas novamente um *hapax legomenon*, é *Menschenfeind*, cuja definição do Duden é: *männliche Person, die Menschen verachtet; Misanthrop* (“Pessoa do sexo masculino que despreza seres humanos; misantropo”). E, novamente, a definição de *Misanthrop* é circular.

Definidos os termos, hora de adentrar no texto, e as duas primeiras ocorrências se encontram no mesmo parágrafo, na página 4 (grifo meu):

Wenn ich Ihnen mit einigen Zügen die undeutliche Vorstellung bezeichnen soll, die mich als Ideal der Tugend im Bilde eines Weisen umschwebt, so würde ich nur die Eigenschaften, die ich hin und wieder bei einzelnen Menschen zerstreut finde und deren Anblick mich besonders rührt, z. B. Edelmut, **Menschenliebe**, Standhaftigkeit, Bescheidenheit, Genügsamkeit etc. zusammentragen können [...] wenn wir, bei der möglichst vollkommenen Ausbildung aller unser geistigen Kräfte, auch diese benannten Eigenschaften einst fest in unser Innerstes gründen, ich sage, wenn wir bei der Bildung unsers Urteils, bei der Erhöhung unseres Scharfsinns durch Erfahrungen und Studien aller Art, mit der Zeit die Grundsätze des Edelmut, der Gerechtigkeit, der **Menschenliebe**, der Standhaftigkeit, der Bescheidenheit, der Duldung, der Mäßigkeit, der Genügsamkeit usw. unerschütterlich und unauslöschlich in unsern Herzen verflochten, unter diesen Umständen behaupte ich, daß wir nie unglücklich sein werden.

E foram traduzidas por:

Se eu fosse descrever em algumas linhas a vaga ideia que flutua ao meu redor como o ideal de virtude na imagem de um sábio, mencionaria apenas as qualidades que de vez em quando encontro dispersas numa só pessoa ou em outra e cuja visão particularmente me comove, por exemplo, nobreza de espírito, **amor ao próximo**, perseverança, modéstia, frugalidade etc. [...] se nós, na instrução tão completa quanto possível de todas as nossas capacidades intelectuais, um dia também estabelecermos firmemente em nosso interior essas qualidades que nomeei, eu digo que, se nós, na formação de nosso juízo, no aumento de nossa percepção por meio de todo o tipo de experiências e estudos, com o tempo entrelaçarmos inabaláveis e indeléveis em nossos corações os princípios da nobreza de caráter, da justiça, do **amor ao próximo**, da perseverança, da modéstia, da tolerância, da moderação, da frugalidade etc., sob essas circunstâncias afirmo que nunca seremos infelizes.

A próxima ocorrência, e a primeira de *Menschenhass*, é na transição entre as páginas 10 e 11:

Aber ich stoße hier gleich auf einen gewaltigen Widerspruch, den ich nicht anders zu Ihrer Ehre auflösen kann, als wenn ich die Empfindung des Menschenhasses geradezu aus Ihrer Seele wegstreiche.

Traduzida por:

Mas estou prestes a encontrar aqui uma enorme contradição que não posso resolver de modo a preservar sua honra a não ser efetivamente apagando de sua alma o sentimento de ódio pelos seres humanos.

Ainda na página 11, há várias ocorrências a se destacar, a primeira delas sendo:

Ja, mein Freund, Tätigkeit verlangt ein Opfer, ein Opfer verlangt Liebe, und so muß sich die Tätigkeit auf wahre innige Menschenliebe gründen, sie müßte denn eigennützig sein, und nur für sich selbst schaffen wollen.

Traduzida por:

Sim, meu amigo, a atividade exige um sacrifício, um sacrifício exige amor, e por isso a atividade deve se basear num íntimo e verdadeiro amor ao próximo, ela teria então de ser egoísta e ter como único desejo criar por si mesma.

E a segunda e terceira, imediatamente no próximo parágrafo (grifo meu):

Ich möchte hier schließen, mein Freund, denn das, was ich Ihnen zur Bekämpfung des **Menschenhasses**, wenn Sie wirklich so unglücklich wären ihn in Ihrer Brust zu verschließen, sagen könnte, wird mir durch die Vorstellung dieser häßlichen abscheulichen Empfindung, so widrig, daß es mein ganzes Wesen empört. **Menschenhaß!** Ein Haß über ein ganzes Menschengeschlecht!

Traduzidas por:

Gostaria de concluir aqui, meu amigo, pois aquilo que eu poderia lhe dizer a fim de combater o **ódio aos seres humanos**, caso você realmente seja tão infeliz a ponto de trancafiá-lo em seu peito, se torna tão difícil para mim quando penso nesse sentimento feio e repugnante que ultraja todo o meu ser. **Misantropia!** Um ódio por todo o gênero humano!

Nas primeiras duas ocorrências da palavra, decidi, em vez de traduzir completamente, explicar o significado. Nesse parágrafo ocorreu a perfeita situação para introduzir a alternativa mais sintética. Pela oposição feita no parágrafo e pelo contexto, o leitor pode facilmente associar “misantropia” a “ódio aos seres humanos”. Outra razão para não repetir a escolha analítica é que em seguida o próprio Kleist explica o significado da palavra, o que, em alemão, acaba causando a repetição dos elementos lexicais do composto (***Menschenhaß!** Ein **Haß** über ein ganzes **Menschengeschlecht***).

Em português há, porém, um desgosto de, ou preconceito com, o uso de repetições e, assim, a alternativa sintética pareceu ainda mais adequada, a fim de evitar “Ódio aos seres humanos! Um ódio por todo o gênero humano”.

Com a associação já estabelecida, “misantropia” passou a ser a tradução padrão para posteriores ocorrências. Por hora, o próximo comentário, ainda na página 11, se trata de *Wohltätigkeit*:

Und gibt es denn nichts Liebenswertes unter den Menschen mehr?
Und gibt es keine Tugenden mehr unter ihnen, keine Gerechtigkeit,
keine Wohltätigkeit, keine Bescheidenheit im Glücke, keine Größe und
Standhaftigkeit im Unglück?

Que foi traduzida por:

E não há então mais nada de amável entre os homens? Não restam virtudes entre eles, nenhuma justiça, nenhuma caridade, nenhuma modéstia na fortuna, nenhuma grandeza e perseverança na adversidade?

Como dito anteriormente, *Wohltätigkeit* foi traduzida por “caridade”, inviabilizando tal opção para *Menschenliebe*. Dando seguimento, a próxima ocorrência de *Menschenhass* se encontra na página 12:

[...] *vielleicht ist diese zu häufige Lektüre an der Empfindung des Menschenhasses schuld, die so ungleichartig und fremd neben Ihren andern Empfindungen steht.*

Traduzida por:

[...] *talvez essa leitura muito frequente seja culpada pela misantropia que se faz tão díspar e estranha comparada a seus outros sentimentos.*

Aqui se vê como *Menschenhass* passou a ser traduzido por “misantropia” e, no próximo comentário, se verá como uma forma derivada foi utilizada para outra palavra composta. Falo de um parágrafo na página 13 que contém quatro ocorrências, cada uma diferente da outra (grifo meu):

Aus allen diesen Gründen, mein teurer Freund, verscheuchen Sie, wenn er wirklich in Ihrem Busen wohnt, den häßlich unglückseligen und, wie ich Sie überzeugt habe, selbst ungegründeten **Haß der Menschen**. Liebe und **Wohlwollen** müssen nur den Platz darin einnehmen. Ach es ist ja so öde und traurig zu hassen und zu fürchten, und es ist so süß und so freudig zu lieben und zu trauen. Ja, wahrlich, mein Freund, es ist

ohne **Menschenliebe** gewiß kein Glück möglich, und ein so liebloses Wesen wie ein **Menschenfeind** ist auch keines wahren Glückes wert.

Traduzido por:

Por todos esses motivos, meu caro amigo, se ele realmente habita em seu peito, espante o feio, infausto e, como lhe convenci, infundado **ódio contra os homens**. Então basta que o amor e a **benevolência** tomem seu lugar. Ah, é tão tedioso e triste odiar e temer, e tão doce e alegre amar e confiar. Sim, meu amigo, realmente a felicidade não é possível sem o **amor ao próximo**, e um ser tão sem coração como um **misanthropo** também não é digno da verdadeira felicidade.

A respeito de *Haß der Menschen*, essa é a única ocasião em que Kleist, por algum motivo, decide usar uma construção analítica ao invés do convencional *Menschenhass*. Essa é também, portanto, uma exceção à preferência dada para “misanthropia” a fim de conservar a variação estabelecida pelo autor e, assim, optei por uma solução igualmente analítica. Ademais, optei por traduzir a relação genitiva³⁷ em *Haß der Menschen* por “contra os” em vez de “aos” porque este último causaria uma aliteração vocálica indesejada (**Infundado Ódio AOs HOMens**). Para tanto “pelos” e “dos” também foram considerados como opções.

Outra questão que pode ser levantada quanto a essa construção é a respeito da possibilidade de traduzir por “ódio contra os seres humanos”. A variação aqui foi estilística dado que, uma vez que já foi deixado claro que Kleist está falando de misantropia, ou seja, de ódio aos seres humanos em geral, a toda a espécie humana, o uso do sentido lateral de “homem” significando a espécie em vez do gênero masculino se revela como uma possibilidade. Tal uso também não entra em desacordo com o tom e linguagem gerais do texto, acrescentando ao pretendido sabor arcaizante.

Ainda na mesma página, a próxima palavra de interesse, *Wohll wollen*, significando morfologicamente “bem-querer” e, segundo o Duden, *freundliche, wohll wollende Gesinnung* (“atitude amigável e benevolente”), foi traduzida por “benevolência”. Outra opção teria sido “boa vontade”, descartada por razões estéticas. De qualquer forma, todas as três variações (“benquerer”, “boa vontade” e

³⁷ Referência ao caso genitivo, que idealmente marca a função morfossintática de uma relação de posse ou origem. No entanto, por processos de mudança linguística, o genitivo muitas vezes se funde com outros casos ou adquire algumas de suas funções. Nesse caso, em alemão, a tradução literal seria “ódio dos seres humanos”. O genitivo está presente na terminologia linguística desde a tradição greco-romana (em latim, *cāsus genitīvus*, também *genitīvus*, tendo a ver com a origem, natividade, gênese de algo, o uso gramatical sendo possível calque do grego γενική (geniké), que se refere ao γένος (génos), à família/tribo/clã, à descendência. Compare com “gene”, “genética” e “eugenia”.

“benevolência”) significam o mesmo etimologicamente, uma vez que “benevolência” tem origem na forma latina *benevolentia*, em última instância vindo de *bene* (“bem”) e *volentia* (“vontade”, “volição”, “inclinação”).³⁸

Novamente, *Menschenliebe* foi traduzido pela alternativa padrão “amor ao próximo” e, então, temos outra palavra singular no texto: *Menschenfeind* (lit. “inimigo de seres humanos” ou “inimigo de pessoas”). Como já estabelecido anteriormente, a própria definição do Duden recorre à palavra alemã *Misanthrop*. Assim, não haveria razão para não optar por “misantropo”, tanto do ponto de vista do significado quanto da estética e morfologia, traduzindo uma palavra composta por outra.

E, por fim, com o parágrafo seguinte, na página 13, esgotam-se os exemplos dos conceitos tratados nesta seção, com as duas últimas ocorrências sendo (grifo meu):

Und dann noch eines, Lieber, ist denn auch ohne **Menschenliebe** jene Bildung möglich, der wir mit allen unsern Kräften entgegenstreben? Alle Tugenden beziehn sich ja auf die Menschen, und sie sind nur Tugenden insofern sie ihnen nützlich sind. Großmut, Bescheidenheit, **Wohltätigkeit**, bei allen diesen Tugenden fragt es sich, gegen wen? und für wen? und wozu? Und immer dringt sich die Antwort auf, für die Menschen, und zu ihrem Nutzen.

E traduzidas por:

E mais uma coisa, meu caro, você acha que aquela formação é possível sem **amor ao próximo**? Aquela à qual aspiramos com todas as nossas forças? Todas as virtudes se referem às pessoas e apenas são virtudes na medida em que são úteis a elas. Generosidade, humildade, **caridade**, com todas essas virtudes se faz a questão: para quem? Por quem? Para quê? E a resposta sempre se revela: para as pessoas e em seu benefício.

As escolhas tradutórias neste parágrafo, tanto para *Menschenliebe* quanto para *Wohltätigkeit*, estão de acordo com as razões apresentadas anteriormente a respeito de tais palavras.

3.3. Comentários gerais

Esta seção tem por objetivo abarcar os demais comentários a respeito tanto do *Aufsatz* quanto de outras cartas. Como são fragmentados em temática, diferente de *Glück* e *Menschenliebe* ou *Menschenhass*, e suas variações, nas seções anteriores, estão compilados neste único segmento.

³⁸ Segundo o dicionário de Charlton T. Lewis e Charles Short. Ver nas referências.

E começamos, adequadamente, não apenas com o *Aufsatz*, mas pelo próprio título (grifo meu): *Aufsatz, den **sichern** Weg des Glücks zu finden und ungestört – auch unter den größten Drangsalen des Lebens – ihn zu genießen!* — Traduzido por: *Ensaio sobre como encontrar o caminho **assegurado** da felicidade e desfrutá-lo tranquilamente – mesmo sob as maiores tribulações da vida!*

Em alemão o adjetivo “sicher”, que significa “certo, seguro (de si, de algo), assegurado”; por mais que “o caminho certo da felicidade” não estaria de todo errado dado o contexto da carta, uma vez que Kleist considera errados aqueles que não seguem sua cartilha da boa felicidade, tal opção foi logo descartada porque distorceria o sentido da frase em alemão. Em termos de estética, “assegurado” é claramente superior, ao menos nesse contexto, a “seguro”, e foi por um tempo considerado uma possível tradução final ao lado de “garantido”.

A decisão se deu levando em conta que “assegurado” é ligeiramente mais próximo morfológica e semanticamente de *sicher*, visto que *Sicherheit* significa, além de “certeza”, “segurança”, e mesmo palavras como *Sicherung* mantêm sua relação com a noção de segurança, de assegurar, uma vez que pode ser sinônima de *Sicherheit*, mas também se referir a um fusível ou a uma trava mecânica, dois objetos cuja função é evitar acidentes. Outra razão foi a adaptação ao tom formal e arcaizante do texto.

Em seguida, o primeiro parágrafo começa com a seguinte declaração: *Wir sehen die Großen dieser Erde im Besitze der Güter dieser Welt.* — Traduzida por: “Nós vemos os grandes desta Terra em posse dos bens do mundo.” A tradução inicial foi “os ricos da Terra”, pois eu havia percebido que era a eles a quem Kleist aludia. No entanto, após nova revisão, atentei para dois fatos importantes: 1) que o autor usa a palavra comum para “rico”, *reich*, em outras instâncias da carta, havendo, assim, uma distinção estabelecida por ele, e 2) que o não uso da palavra neutra e comum implica uma escolha estilística e, hoje, certo distanciamento. Assim, voltei atrás e rejeitei a tradução puramente semântica em prol da pragmática.

Além disso, na relação genitiva, houve a substituição do pronome pessoal pelo determinante demonstrativo³⁹ (“da” por “desta”), como é o caso no texto de partida, não

³⁹ Eu sigo aqui uma terminologia linguística mais moderna, que reclassifica algumas classes gramaticais baseadas em suas funções. Na escola se aprende que “este”, “aquilo” etc são pronomes demonstrativos. A terminologia que uso aqui considera que o pronome apenas substitui o substantivo a que se refere; quando

havendo aqui razão para se afastar dele. Agora para o próximo parágrafo, no qual Kleist pinta a seguinte imagem:

Dagegen sehen wir einen armen Tagelöhner, der im Schweiß seines Angesichts sein Brot erwirbt; Mangel und Armut umgeben ihn, sein ganzes Leben scheint ein ewiges Sorgen und Schaffen und Darben.

Traduzida por:

Por outro lado, vemos um pobre trabalhador diarista que ganha seu pão com o suor de seu rosto; escassez e pobreza o rodeiam, sua vida inteira parece ser uma eterna preocupação, labuta e penúria.

O desafio aqui foi *Schaffen und Darben*. A primeira é uma palavra regional para “trabalhar” (em contraste com a forma padrão *arbeiten*), inclusive sendo a forma preferida no dialeto hunrisqueano riograndense, ao menos segundo minha experiência pessoal, então a partir daí a questão passou a ser descobrir qual o status da palavra na Alemanha. O Duden informa que o contexto de ocorrência da palavra (no sentido 6) é regional, particularmente sulista. O sentido pode ser genérico ou também, dentre outros, o de um trabalho árduo e cansativo. Assim, optei por “labuta”, que caracteriza, segundo o dicionário online Houaiss, 1) *trabalho árduo e penoso, lida, canseira*. 2) *p.ext. qualquer forma de trabalho*.⁴⁰

A segunda, *Darben*, se refere a carecer de algo, implicando em passar fome. Assim, entre “miséria” e “penúria”, escolhi a última por razões estéticas, por achar que “labuta e penúria” soa melhor que “labuta e miséria”.

Na página 2, temos uma questão de polissemia: [...] *lassen Sie es uns lieber als Belohnung und Ermunterung an die Tugend knüpfen, dann erscheint es in schönerer Gestalt und auf sicherem Boden*. — Traduzida por: *que a vinculemos [a felicidade] antes à virtude como recompensa e incentivo, e assim ela se apresentará numa forma mais bela e sobre uma base segura*.

O foco aqui, no entanto, não é a felicidade, mas o chão, ou o *Boden*. Esse é o significado principal da palavra em alemão, mas ela também pode ser sinônima de *Grundlage*, ou seja, “base”, “princípio” ou “fundamento”, alternativas das quais todas

acompanha e modifica, função semelhante à do adjetivo, é classificado como um determinante. Assim, em “essa terminologia é melhor que aquela”, o primeiro demonstrativo é um determinante e o segundo, um pronome.

⁴⁰ Ver nas referências, ou em: houaiss.uol.com.br

funcionariam. Assim sendo, acabei optando por “base” por manter uma relação com “chão”.

Passando para a página 3, nos deparamos com um problema envolvendo os diferentes recursos das línguas, na passagem (grifo meu):

Und dann, mein Freund, dienen und unterstützen sich doch diese beiden Gottheiten so wechselseitig, das Glück als Aufmunterung zur Tugend, die Tugend als Weg zum Glück, daß es dem Menschen wohl erlaubt sein kann, sie **nebeneinander und ineinander** zu denken.

Traduzida por:

E então, meu amigo, essas duas divindades servem uma à outra e se apoiam tão mutuamente, a felicidade como incentivo à virtude, a virtude como caminho para a felicidade, que a qualquer ser humano pode muito bem ser concedido o direito de pensar nelas **lado a lado e como sinônimas**.

Se manter a repetição da estrutura usada por Kleist fosse a prioridade, então a solução seria algo como “pensar nelas lado a lado e numa pela outra”, que me pareceu todavia inadequada em português dada a linguagem do texto. Outra possibilidade teria sido mudar a estrutura de ambos os elementos, resultando em algo como “pensar nelas em justaposição e sinonímia”, mas, levando em conta que *ineinander* e *nebeneinander* são palavras razoavelmente comuns, essa também não pareceu ser uma boa solução. Assim, sacrifiquei o paralelismo morfológico pela clareza presente no texto de partida.

Agora, chamo atenção para a seguinte passagem da página 5, na qual Kleist cita Jesus como exemplo de virtude (grifo meu):

Er schlummerte unter seinen Mördern, er reichte seine Hände freiwillig zum Binden dar, die teuern Hände, deren **Geschäfte** nur Wohltun war, er fühlte sich ja doch frei, mehr als die **Unmenschen**, die ihn fesselten, seine Seele war so voll des Trostes, daß er dessen noch seinen Freunden mitteilen konnte, [...]

Traduzida por:

Ele adormeceu entre seus assassinos, ofereceu voluntariamente suas mãos para que fossem amarradas, suas caras mãos cuja única **profissão** era fazer o bem, afinal ele se sentia livre, mais do que os **brutos** que o ataram, sua alma estava tão cheia de consolo que ele ainda podia compartilhá-lo com seus amigos;

A primeira palavra é uma flexão de *Geschäft*, cujo significado principal é “negócio, comércio”. Em adição a estes, o terceiro sentido fornecido pelo Duden é:

Aufgabe; Angelegenheit, die zu erledigen ist (“Tarefa; assunto a tratar/resolver”), um de seus exemplos sendo: *ein undankbares Geschäft* (“uma tarefa ingrata”). Visto isso, “tarefa” seria uma opção válida, mas acabei optando por “profissão” para manter alguma relação com o sentido principal da palavra sem que precisasse utilizar “negócio”, esteticamente menos adequado na sentença. Assim, “profissão” como metonímia de “tarefa” faz o mesmo movimento semântico que *Geschäft*, ainda que os sentidos principais de ambas as palavras, apesar de pertencentes ao mesmo campo semântico, não sejam iguais.

A segunda palavra é uma flexão de *Unmensch*, cujos significados pertinentes são “cruel” e “desumano”, segundo o Duden, sinônimo de “monstro”. Uma vez que a palavra é empregada como substantivo, a primeira alternativa se tornou menos adequada. As outras duas funcionariam, mas optei por “brutos” por razões estéticas. A definição do Duden também fornece um significado e uso na fórmula “ser um *Unmensch*” que corroboram minha escolha, a definição sendo: *mit sich reden lassen, nicht unnachgiebig, hartherzig o. Ä. sein* (“estar aberto à discussão, não ser intransigente, irreduzível ou similar”).

E o exemplo: *Du kannst ihn ruhig fragen, er ist schließlich kein Unmensch.* — (“Você pode perguntar, afinal ele não é nenhum monstro/bruto”). A fim de construir a imagem de indivíduos ignorantes e irreduzíveis com os quais não se pode argumentar, creio que “brutos” seja uma alternativa adequada.

O próximo tópico de destaque se encontra na página 7, no trecho em que Kleist pede: *Lächeln Sie nicht, mein Freund [...]* — Traduzido por: *Não ria, meu amigo [...]*

O problema aqui é que, em alemão, *lächeln* significa “sorrir”, no entanto, Kleist claramente quer dizer “não ria de mim”, “não dê risada do que acabei de falar”. Em português também existe a expressão “rir da cara de alguém”, que é exatamente do que o autor fala aqui, por pensar que seu amigo poderia considerar ridícula a declaração que ele fez anteriormente, e a frase também introduz sua justificativa. Assim, está escrito em alemão literalmente “não sorria, meu amigo” e, a fim de adequar a expressão à língua de chegada, além de conservar o significado, alterei o verbo que é empregado.

Na mesma página ocorrem três referências geográficas, duas no mesmo parágrafo (grifo meu):

Wie wenig beglückend der Standpunkt auf großen außerordentlichen Höhen ist, habe ich recht innig auf dem **Brocken** empfunden. [...] Die Temperatur auf der Höhe des Thrones ist so rauh, so empfindlich und der Natur des Menschen so wenig angemessen, wie der Gipfel des **Blocksbergs** [...]

Traduzidas por:

Como é infeliz o ponto de vista nas alturas extraordinárias, foi o que profundamente senti no **Brocken**. [...] A temperatura na altitude do trono é tão hostil, tão severa e tão inadequada à natureza humana quanto o cume do **Blocksberg** [...]

E a terceira no início do seguinte:

Mit weit mehrerem Vergnügen gedenke ich dagegen der Aussicht auf der mittleren und mäßigen Höhe des **Regensteins**, wo kein trüber Schleier die Landschaft verdeckte, und der schöne Teppich im ganzen, wie das unendlich Mannigfaltige desselben im einzelnen klar vor meinen Augen lag.

Traduzida por:

Por outro lado, lembro com muito mais prazer da vista na altura mediana e moderada do **Regenstein**, onde nenhum véu nublado cobria a paisagem e todo o belo tapete, bem como sua infinita variedade, se apresentava clara e detalhadamente diante de meus olhos.

Por se tratar de nomes de localidades, tratei estes como nomes próprios e não os traduzi, os itálicos presentes em dois deles sendo marcas do próprio autor. Para a contextualização ao leitor brasileiro, cada nome acompanha uma nota de rodapé, todas elas presentes na terceira seção do capítulo 2, mas que repito aqui pela conveniência do leitor.

Do Brocken, informo que *é uma montanha situada na cordilheira do Harz, no estado da Saxônia-Anhalt, que chega a 1.141 metros de altitude*; do Blocksberg, que se trata de *outro nome para o Brocken. Aos curiosos, o nome também está vinculado a crenças envolvendo bruxaria e ao período de perseguição a supostas bruxas*; e do Regenstein, que se refere a *ruínas de um castelo medieval no topo de um morro no distrito do Harz*.

A seguir, na página 8, retomo a anedota de Homero mencionada na primeira seção deste capítulo, agora com destaque para dois outros tópicos. No texto de partida, é dito que (grifo meu):

Im Vorhofe des Olymp, erzählt er, stünden zwei große **Behältnisse**, das eine mit **Genuß**, das andere mit **Entbehrung** gefüllt. Wem die Götter, so spricht Homer, aus beiden **Fässern** mit gleichem Maße messen, der ist der Glückichste; wem sie ungleich messen, der ist unglücklich, doch am unglücklichsten der, dem sie nur allein aus einem **Fasse** zumessen.

Traduzido por:

No átrio do Olimpo, ele nos conta, havia dois grandes **recipientes**, um cheio de **prazeres**, o outro de **privações**. Aquele a quem os deuses, diz Homero, preenchem com ambos os **tonéis** na mesma medida é o mais feliz; aquele cuja medida é desigual é infeliz, mas o mais infeliz é aquele que eles preenchem usando somente um único **tonel**.

O primeiro tópico é o dos recipientes, o segundo (tratado posteriormente, mas cujas palavras cito em conjunto), das bênçãos e dos males. Kleist usa duas palavras para se referir a ao par de objetos: *Behältnis* e *Fass*. A primeira tem um significado genérico de um objeto com formato para armazenar algo, traduzível por “recipiente”, “vaso” ou “receptáculo”, e a segunda, o Duden nos conta, se refere ao tipo de recipiente constituído de tábuas de madeira presas por aros de metal, usado para armazenar líquidos, basicamente o que em português se chama de “barril” ou “tonel”. No entanto, como o autor usa duas palavras diferentes em menção a uma fonte externa, quis verificar qual era a base para sua referência, qual imagem Homero constrói, a fim de entender qual imagem Kleist tinha em mente.

Assim, descobri que a fonte de Kleist é o canto XXIV da *Ilíada*, a anedota ocorrendo entre os versos 519 e 533, a palavra em questão no verso 527. Então, procurei em três traduções, na primeira, de Manuel Odorico Mendes⁴¹ é dito que *há dois tonéis ao limiar de Jove / De males e de bens [...]*; na segunda, de Frederico Lourenço⁴², são dois *jarros que foram depositos no chão de Zeus, / jarros de dons: de um deles, ele dá os males; do outro, as bênçãos*; e na terceira, de Haroldo de Campos⁴³, se trata de [...] *dois cântaros / nos umbrais de Zeus, cheios de dons que ele nos dá, / um de ruins, de bons o outro [...]*

Eu tinha então em minhas mãos “tonéis”, “jarros” e “cântaros”. Se, com Kleist, o uso de duas palavras diferentes para se referir aos mesmos objetos causou dúvida, agora eram três. Como cada tradução usa uma palavra diferente, era hora de perscrutar o

⁴¹ Versão digital disponibilizada pelo site ebooksbrasil.org, p. 438.

⁴² Versão da Penguin Classics & Companhia das Letras, p. 480.

⁴³ Versão em volume único disponibilizada pelo site academia.edu, p 366 (Ver referências para as três versões)

original. Com a instrução do professor Leonardo Antunes, consegui acessar os versos em grego bem como o significado das palavras em questão. Os versos são (grifo meu): *δοιοὶ γάρ τε πίθοι κατακείται ἐν Διὸς οὔδει / δώρων οἷα δίδωσι κακῶν, ἕτερος δὲ ἑάων:*

A palavra usada para se referir aos recipientes é (no nominativo singular) *πίθος* (*píthos*), que significa, segundo o dicionário LSJ, *large wine-jar [...] usu. of earthenware* (grande jarro de vinho, geralmente de cerâmica), segundo Bailly (2020), *tonneau ou grande cruche en terre pour le vin* (barril ou grande jarro de terra para vinho) e, segundo Pape⁴⁴, *Faß, Weinfäß [...] oder große Krüge, mit weiter Oeffnung, so daß man daraus schöpfen kann* (barril/tonel de vinho [...] ou grandes jarros com ampla abertura para que se possa tirar [o vinho] por ela).

As fontes em inglês e francês mencionam o material do objeto como sendo essencialmente cerâmica, mas esta última também permite que seja um barril ou tonel, implícito que feito de madeira. Curiosamente, a fonte em alemão, além do grande jarro (*Krug*), menciona uma das palavras usadas por Kleist, o tonel (*Fass*, na grafia atual). É provável que Homero tivesse em mente, portanto, ou um grande jarro de cerâmica (que viabilizaria as traduções “vaso” e “cântaro”) ou um barril de vinho (que viabilizaria “tonel” e “barril”). Sem saber se Kleist leu alguma tradução específica ou diretamente do grego e, nesse caso, qual dicionário ou instrutor utilizou, o uso de *Fass* na segunda e terceira menções dos objetos leva a assumir que a melhor interpretação seja a do barril de vinho e, dentre as duas possibilidades, optei por “tonel”. Ainda assim, é curioso que ele tenha usado na primeira menção um termo tão genérico como *Behältnis*. Talvez tenha sido para executar um movimento de especificação, primeiro utilizando um termo vago para depois empregar um mais preciso, ou talvez ele próprio não soubesse qual a natureza exata dos tais “recipientes”.

Quanto ao segundo tópico, as traduções para o português usam as oposições “males” e “bens”, “males” e “bênçãos”, e “ruins” e “bons”. As palavras em grego são (no nominativo singular) *κακός* (*kakós*) e *εὖς* (*eús*), a primeira é um termo geral para tudo que é mau, ruim, feio, e para o mal. O dicionário Pape traduz por *schlecht* (mau, ruim) e, como substantivo, por *Übel* (mal) e *Unglück* (desgraça, desastre, azar, também traduzido contextualmente no *Aufsatz* por “infelicidade”); a segunda palavra significa

⁴⁴ Todos os dicionários citados se encontram compilados em: <https://logeion.uchicago.edu/>. Para os links das entradas específicas, ver as referências.

“bom”, “corajoso” e “nobre”. Assim, entende-se a opção de Haroldo de Campos por “bons” e “ruins”. No entanto, é hora de atentar para o mais importante, as palavras que o próprio Kleist usa: *Genuss* e *Entbehrung* (na grafia atual).

A primeira significa “deleite”, “desfrute”, “gozo”, e a segunda, “carência” ou “privação”. Parece que Kleist evocou a anedota de Homero com uma pequena diferença na sua descrição. Essa diferença, no entanto, faz sentido, uma vez que não é uma citação direta e que a alteração não modifica o que Homero queria dizer, pois as bênçãos e males não teriam outra finalidade senão propiciar a determinado indivíduo prazeres e privações em sua vida, por mais que em grego esteja dito algo mais próximo de “coisas boas” e “coisas ruins”. Essa escolha de palavras serve ao argumento do autor, que tenta demonstrar que, não somente a privação material, também é ruim e indesejável a opulência, e que a pessoa mais feliz é aquela que reside no meio, livre de excesso e de carência. Tendo isso em mente, optei em minha tradução por “prazeres” e “privações”.

Há muitos pontos que se pode discutir e comentar, mas foi preciso me limitar aos que julguei mais interessantes ou produtivos. Dito isso, por fim, na transição entre as páginas 9 e 10, trataremos de germes, ou *Keime*. O contexto em que a palavra ocorre é o seguinte [a respeito do indivíduo sábio]:

Er kennt den großen Kreislauf der Dinge, und freut sich daher der Vernichtung wie dem Segen, weil er weiß, daß in ihr wieder der Keim zu neuen und schöneren Bildungen liegt.

Traduzido por:

Ele conhece o grande ciclo das coisas, e por isso se alegra tanto com a destruição quanto com a bênção, pois sabe que nela reside o germe de novas e mais belas formas.

As definições do Duden para *Keim* se referem ao que pode ser traduzido como “rebento” ou “broto”, “embrião”, “causa” ou “origem” e “germe” ou “patógeno”. A fim de acrescentar ao tom arcaizante pretendido, acabei preferindo “germe” a “origem”, “semente” ou “embrião”, embora essas também fossem boas opções. A segunda razão para minha escolha foi essencialmente estética, dado o tom bastante poético da carta. Meu senso de estética considera "o germe de novas e mais belas formas" uma frase estilosa, o de outras pessoas pode talvez considerar afetada, mas não é assim o espírito romântico?

Também se poderia argumentar que tal escolha teria o potencial de causar confusão com o significado principal da palavra. Tal possibilidade não me deteve, pois tenho a opção por não excessivamente complexa, ainda que rebuscada, e porque confio na capacidade de entendimento do leitor. Embora o assunto da linha tênue entre usar uma forma complexa demais e, portanto, confusa, e subestimar ou insultar a inteligência do leitor seja muito pertinente e interessante, ele também é muito extenso e não se enquadra no escopo deste trabalho. Vale dizer, finalmente, que a teoria dos germes ainda não estava bem estabelecida no *mainstream* científico na época de Kleist, que também eram usados outros termos como *animaculi* (do latim, “animaizinhos”) e que “germe” se refere hoje a microorganismos devido à associação direta com sementes e esporos (aquilo que germina, que nasce), do latim *germen*, significando “broto, rebento”, “semente”, “progenitura”, “feto, embrião” e também “origem” ou “linhagem”, com virtualmente a mesma polissemia que a palavra usada por Kleist.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aspecto talvez inerente ao processo de revisar qualquer trabalho é que sempre parece haver algo que se pode melhorar, especialmente após certo distanciamento temporal; com a tradução, o texto nunca parece estar pronto, com cada nova leitura se encontra detalhes que passaram despercebidos até então, ou se passa a discordar de alguma escolha que antes pareceu correta, e sem dúvida essa experiência fez parte da nova revisão feita para este trabalho. É preciso, no entanto, dar todo projeto por finalizado, caso contrário não se finaliza nada. Ao menos espero que a nova tradução possa transferir adequadamente o significado, em ambos os sentidos da palavra, presente no texto de partida, e que este trabalho possa ter servido para fomentar reflexão a respeito do autor e da solução de problemas inerente à prática tradutória.

Ao transferir para a língua portuguesa o sentido semântico das palavras de Kleist, espera-se transferir também o significado do autor como figura histórica, poeta, intelectual e, acima de tudo, imperfeito ser humano que era, como todos somos, como ninguém jamais deixou de ser, e o significado de sua obra, de sua tentativa de expor os pensamentos e sentimentos, os questionamentos e os ideais que habitavam sua mente e aplacavam seu espírito.

Kleist, assim como o homem contemporâneo, nasceu e se criou numa sociedade em transformação, bombardeada por influxos de novas ideias, e se viu num terrível conflito entre os ideais iluministas e românticos e a brutal realidade de seu tempo, em alguns aspectos atemporal, permeada de conflitos como as Guerras Revolucionárias Francesas e as Guerras Napoleônicas, de pobreza e opulência, e de sistemas e entidades suprahumanas e corruptas, em retrógrada reminiscência de figuras como Kafka.

Mesmo apenas no *Aufsatz*, já se pode vislumbrar uma síntese do pensamento de Kleist, das temáticas mais importantes para ele, e de sua aptidão artística. Sua obra continua atual da mesma forma que sua trajetória de vida e os desafios que enfrentou. Assim, além de grande importância para nutrir o *milieu* brasileiro, Heinrich von Kleist ainda vive, e viverá mais ainda, em línguas que nem imaginava argumentar, tentando aconselhar e auxiliar em nossa formação e crescimento pessoal, que ele mesmo tanto buscou alcançar para si e propiciar para aqueles que lhe eram queridos.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, J. F. “Itens Culturais-Específicos em Tradução”, de Javier Franco Aixelá. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. *In-Traduções*. Florianópolis: vol. 5, n. 8, p.185-218, jun. 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4679170/mod_resource/content/1/AIXELA%CC%81%20Itens%20especi%CC%81ficos%20em%20traduc%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2022.
- BROWN, R. Reference in memorial tribute to Eric Lenneberg. In: *Cognition*. Harvard University, vol. 4, 2ª Ed, p. 125-153, 1976. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0010027776900019>>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- DUDENREDAKTION. Fass. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Fass>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Geschäft. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Geschaeft>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Glück. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Glueck>>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- DUDENREDAKTION. Humanitas. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Humanitas>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Humanität. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Humanitaet>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Keim. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Keim>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Lächeln. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/laecheln>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Menschenfeind. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Menschenfeind>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Menschenliebe. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Menschenliebe>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Misanthrop. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Misanthrop>>. Acesso em: 8 set. 2022.

- DUDENREDAKTION. Misanthropie. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Misanthropie>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Nächstenliebe. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Naechstenliebe>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Philanthropie. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Philanthropie>>. Acesso em: 8 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Schaffen. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/schaffen>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUDENREDAKTION. Unmensch. *Duden online*. Cornelsen Verlag GmbH, 2022. Disponível em: <<https://www.duden.de/rechtschreibung/Unmensch>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUNZ-WOLFF, G. [5] An Ulrike v. Kleist, Mai/Juni(?) 1799. *kleist-digital*. Disponível em: <<https://www.kleist-digital.de/briefe/005>>. Acesso em: 9 set. 2022.
- DUNZ-WOLFF, G. [37] An Wilhelmine v. Zenge, 22. März 1801. *kleist-digital*. Disponível em: <<https://www.kleist-digital.de/briefe/037>>. Acesso em: 9 set. 2022.
- DUNZ-WOLFF, G. [229] An Marie v. Kleist, d. 10. November 1811. *kleist-digital*. Disponível em: <<https://www.kleist-digital.de/briefe/229>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUNZ-WOLFF, G. Michael Kohlhaas. *kleist-digital*. Disponível em: <<https://www.kleist-digital.de/erzaehlungen/kohlhaas>>. Acesso em: 11 set. 2022.
- FELICIDADE. In: Dicio, *Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/felicidade/>>. Acesso em: 15 ago. 2022.
- GENETIVUS. In: *AOFEION*, 2011. Disponível em: <<https://logeion.uchicago.edu/genetivus>>. Acesso em: 10 set. 2022.
- GERMEN. In: *AOFEION*, 2011. Disponível em: <<https://logeion.uchicago.edu/germen>>. Acesso em: 12 set. 2022.
- HOMERO. *Iliada*: Em Verso Português por Manoel Odorico Mendes. Tradução de Manuel Odorico Mendes. 1ª Ed. eBooksBrasil, 2009, p. 438. Disponível em: <<https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>>. Acesso em: 9 set. 2022.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Frederico Lourenço. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.
- HOMERO. *Iliada de Homero*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002. Disponível em: <https://www.academia.edu/40386402/Haroldo_de_Campos_II%C3%ADada_de_Homero>. Acesso em: 9 set. 2022.

HOUAISS, A. Felicidade. *Grande Dicionário Houaiss*. Uol, 2022. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0>. Acesso em: 15 ago. 2022.

HOUAISS, A. Labuta. *Grande Dicionário Houaiss*. Uol, 2022. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0>. Acesso em: 10 nov. 2022.

KLEIST, H. von. Heinrich von Kleist: Aufsätze und kleine Schriften. *Projekt Gutenberg-DE*. Disponível em: <<https://www.projekt-gutenberg.org/kleist/aufsatz/index.html>>. Acesso em: 2 set. 2022.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. Bene. *A Latin Dictionary*. In: Perseus Digital Library, 1995. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=bene>>. Acesso em: 9 set. 2022.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. Benevolentia. *A Latin Dictionary*. In: Perseus Digital Library, 1995. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=benevolentia>>. Acesso em: 9 set. 2022.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. Genetivus. *A Latin Dictionary*. In: Perseus Digital Library, 1995. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=genetivus>>. Acesso em: 10 set. 2022.

LEWIS, C. T.; SHORT, C. Volentia. *A Latin Dictionary*. In: Perseus Digital Library, 1995. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=volentia>>. Acesso em: 9 set. 2022.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. 4ª Ed. Routledge, 2016, p. 147-148, 150-153.

MÜLLER-SEIDEL, W. Kleist, Heinrich. *Neue Deutsche Biographie*. Disponível em: <<https://www.deutsche-biographie.de/pnd118563076.html#ndbcontent>>. Acesso em: 8 set. 2022.

THORWART, W. *Heinrich von Kleists Kritik der gesellschaftlichen Ordnungsprinzipien: Zu H. v. Kleists Leben und Werk unter besonderer Berücksichtigung der theologisch-rationalistischen Jugendschriften*. Würzburg: Verlag Königshausen & Neumann GmbH, 2004. Pg. 16. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=c8Tz5pxa0rAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 out. 2022.

VALENTE, A. Modernidade radical. *Deutsche Welle*, 4 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/alemanha-celebra-200-anos-de-morte-do-poeta-e-dramaturgo-heinrich-von-kleist/a-14890823>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ΓΕΝΙΚΟΣ. In: *ΛΟΓΕΙΟΝ*, 2011. Disponível em: <<https://logeion.uchicago.edu/%CE%B3%CE%B5%CE%BD%CE%B9%CE%BA%CF%8C%CF%82>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ἘΥΣ. In: *ΛΟΓΕΙΟΝ*, 2011. Disponível em:
<<https://logeion.uchicago.edu/%E1%BC%90%CE%B0%CF%82>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ΚΑΚΟΣ. In: *ΛΟΓΕΙΟΝ*, 2011. Disponível em:
<<https://logeion.uchicago.edu/%CE%BA%CE%B1%CE%BA%CF%8C%CF%82>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ΠΙΘΟΣ. In: *ΛΟΓΕΙΟΝ*, 2011. Disponível em:
<<https://logeion.uchicago.edu/%CF%80%CE%AF%CE%B8%CE%BF%CF%82>>. Acesso em: 10 set. 2022.

ANEXO**Aufsatz, den sichern Weg des Glücks zu finden und ungestört – auch unter den größten Drangsalen des Lebens – ihn zu genießen!**

An Rühle [von Lilienstern]

Von Heinrich Kleist

Wir sehen die Großen dieser Erde im Besitze der Güter dieser Welt. Sie leben in Herrlichkeit und Überfluß, die Schätze der Kunst und der Natur scheinen sich um sie und für sie zu versammeln, und darum nennt man sie Günstlinge des Glücks. Aber der Unmut trübt ihre Blicke, der Schmerz bleicht ihre Wangen, der Kummer spricht aus allen ihren Zügen.

Dagegen sehen wir einen armen Tagelöhner, der im Schweiß seines Angesichts sein Brot erwirbt; Mangel und Armut umgeben ihn, sein ganzes Leben scheint ein ewiges Sorgen und Schaffen und Darben. Aber die Zufriedenheit blickt aus seinen Augen, die Freude lächelt auf seinem Antlitz, Frohsinn und Vergessenheit umschweben die ganze Gestalt.

Was die Menschen also Glück und Unglück nennen, das sehn Sie wohl, mein Freund, ist es *nicht immer*; denn bei allen Begünstigungen des äußern Glückes haben wir Tränen in den Augen des erstern, und bei allen Vernachlässigungen desselben, ein Lächeln auf dem Antlitz des andern gesehen.

Wenn also die Regel des Glückes sich nur so unsicher auf äußere Dinge gründet, wo wird es sich denn sicher und unwandelbar gründen? Ich glaube da, mein Freund, wo es auch nur einzig genossen und entbehrt wird, im *Innern*.

Irgendwo in der Schöpfung *muß* es sich gründen, der Inbegriff *aller* Dinge *muß* die Ursachen und die Bestandteile des Glückes enthalten, mein Freund, denn die Gottheit wird die Sehnsucht nach Glück nicht täuschen, die sie selbst unauslöschlich in unsrer Seele erweckt hat, wird die Hoffnung nicht betrügen, durch welche sie unverkennbar auf ein für uns mögliches Glück hindeutet. Denn glücklich zu sein, das ist ja der erste aller unsrer Wünsche, der laut und lebendig aus jeder Ader und jeder Nerve unsers Wesens spricht, der uns durch den ganzen Lauf

unsers Lebens begleitet, der schon dunkel in dem ersten kindischen Gedanken unsrer Seele lag und den wir endlich als Greise mit in die Gruft nehmen werden. Und wo, mein Freund, kann dieser Wunsch erfüllt werden, wo kann das Glück besser sich gründen, als da, wo auch die Werkzeuge seines Genusses, unsre Sinne liegen, wohin die ganze Schöpfung sich bezieht, wo die Welt mit ihren unermeßlichen Reizungen im kleinen sich wiederholt?

Da ist es ja auch allein nur unser Eigentum, es hängt von keinen äußeren Verhältnissen ab, kein Tyrann kann es uns rauben, kein Bösewicht kann es stören, wir tragen es mit in alle Weltteile umher.

Wenn das Glück nur allein von äußeren Umständen, wenn es also vom Zufall abhinge, mein Freund, und wenn Sie mir auch davon tausend Beispiele aufführten; was mit der Güte und Weisheit Gottes streitet, kann nicht wahr sein. Der Gottheit liegen die Menschen alle gleich nahe am Herzen, nur der bei weiten kleinste Teil ist indes der vom Schicksal begünstigte, für den größten wären also die Genüsse des Glücks auf immer verloren. Nein, mein Freund, so ungerecht kann Gott nicht sein, es muß ein Glück geben, das sich von den äußeren Umständen trennen läßt, alle Menschen haben ja gleiche Ansprüche darauf, für alle muß es also in gleichem Grade möglich sein.

Lassen Sie uns also das Glück nicht an äußere Umstände knüpfen, wo es immer nur wandelbar sein würde, wie die Stütze, auf welcher es ruht; lassen Sie es uns lieber als Belohnung und Ermunterung an die Tugend knüpfen, dann erscheint es in schönerer Gestalt und auf sicherem Boden. Diese Vorstellung scheint Ihnen in einzelnen Fällen und unter gewissen Umständen wahr, mein Freund, *sie ist es in allen*, und es freut mich in voraus, daß ich Sie davon überzeugen werde.

Wenn ich Ihnen so das Glück als Belohnung der Tugend aufstelle, so erscheint zunächst freilich das erste als Zweck und das andere nur als Mittel. Dabei fühle ich, daß in diesem Sinne die Tugend auch nicht in ihrem höchsten und erhabensten Beruf erscheint, ohne darum angeben zu können, wie dieses Verhältnis zu ändern sei. Es ist möglich daß es das Eigentum einiger wenigen schönern Seelen ist, die Tugend allein um der Tugend selbst willen zu lieben, und zu üben. Aber mein Herz sagt mir, daß die Erwartung und Hoffnung auf ein menschliches Glück, und die Aussicht auf tugendhafte, wenn freilich nicht mehr ganz so reine Freuden, dennoch nicht strafbar und

verbrecherisch sei. Wenn ein Eigennutz dabei zum Grunde liegt, so ist es der edelste der sich denken läßt, denn es ist der Eigennutz der Tugend selbst.

Und dann, mein Freund, dienen und unterstützen sich doch diese beiden Gottheiten so wechselseitig, das Glück als Aufmunterung zur Tugend, die Tugend als Weg zum Glück, daß es dem Menschen wohl erlaubt sein kann, sie nebeneinander und ineinander zu denken. Es ist kein besserer Sporn zur Tugend möglich, als die Aussicht auf ein nahes Glück, und kein schönerer und edlerer Weg zum Glücke denkbar, als der Weg der Tugend.

Aber, mein Freund, er ist nicht allein der schönste und edelste, – wir vergessen ja, was wir erweisen wollten, daß er der einzige ist. Scheuen Sie sich also um so weniger die Tugend dafür zu halten, was sie ist, für die Führerin der Menschen auf dem Wege zum Glück. Ja mein Freund, *die Tugend macht nur allein glücklich*. Das was die Toren Glück nennen, ist kein Glück, es betäubt ihnen nur die Sehnsucht nach wahren Glücke, es lehrt sie eigentlich nur ihres Unglücks vergessen. Folgen Sie dem Reichen und Geehrten nur in sein Kämmerlein, wenn er Orden und Band an sein Bette hängt und sich einmal als Mensch erblickt. Folgen Sie ihm nur in die Einsamkeit; das ist der Prüfstein des Glückes. Da werden Sie Tränen über bleiche Wangen rollen sehen, da werden Sie Seufzer sich aus der bewegten Brust empor heben hören. Nein, nein, mein Freund, die Tugend, und einzig allein nur die Tugend ist die Mutter des Glückes, und *der Beste ist der Glücklichste*.

Sie hören mich so viel und so lebhaft von der Tugend sprechen, und doch weiß ich, daß Sie mit diesem Worte nur einen dunkeln Sinn verknüpfen; Lieber, es geht mir wie Ihnen, wenn ich gleich so viel davon rede. Es erscheint mir nur wie ein Hohes, Erhabenes, Unnennbares, für das ich vergebens ein Wort suche, um es durch die Sprache, vergebens eine Gestalt, um es durch ein Bild auszudrücken. Und dennoch strebe ich ihm mit der innigsten Innigkeit entgegen, als stünde es klar und deutlich vor meiner Seele. Alles was ich davon weiß, ist, daß es die unvollkommenen Vorstellungen, deren ich jetzt nur fähig bin, gewiß auch enthalten wird; aber ich ahnde noch mehr, noch etwas Höheres, noch etwas Erhabeneres, und das ist es recht eigentlich, was ich nicht ausdrücken und formen kann.

Mich tröstet indes die Rückerinnerung dessen, um wieviel noch dunkler, noch verworrener, als jetzt, in früheren Zeiten der Begriff der Tugend in meiner Seele lag,

und wie nach und nach, seitdem ich denke, und an meiner Bildung arbeite, auch das Bild der Tugend für mich an Gestalt und Bildung gewonnen hat; daher hoffe und glaube ich, daß so wie es sich in meiner Seele nach und nach mehr aufklärt, auch dieses Bild sich in immer deutlicheren Umrissen mir darstellen, und jemehr es an Wahrheit gewinnt, meine Kräfte stärken und meinen Willen begeistern wird.

Wenn ich Ihnen mit einigen Zügen die undeutliche Vorstellung bezeichnen soll, die mich als Ideal der Tugend im Bilde eines Weisen umschwebt, so würde ich nur die Eigenschaften, die ich hin und wieder bei einzelnen Menschen zerstreut finde und deren Anblick mich besonders rührt, z. B. Edelmut, Menschenliebe, Standhaftigkeit, Bescheidenheit, Genügsamkeit etc. zusammentragen können; aber, Lieber, ein Gemälde würde das immer nicht werden, ein Rätsel würde es Ihnen, wie mir, bleiben, dem immer das bedeutungsvolle Wort der Auflösung fehlt. Aber, es sei mit diesen wenigen Zügen genug, ich getraue mich, schon jetzt zu behaupten, daß wenn wir, bei der möglichst vollkommenen Ausbildung aller unser geistigen Kräfte, auch diese benannten Eigenschaften einst fest in unser Innerstes gründen, ich sage, wenn wir bei der Bildung unsers Urteils, bei der Erhöhung unseres Scharfsinns durch Erfahrungen und Studien aller Art, mit der Zeit die Grundsätze des Edelmut, der Gerechtigkeit, der Menschenliebe, der Standhaftigkeit, der Bescheidenheit, der Duldung, der Mäßigkeit, der Genügsamkeit usw. unerschütterlich und unauslöschlich in unsern Herzen verflochten, unter diesen Umständen behaupte ich, daß wir nie unglücklich sein werden.

Ich nenne nämlich Glück nur die vollen und überschwenglichen Genüsse, die – um es mit einem Zuge Ihnen darzustellen – in dem erfreulichen Anschauen der moralischen Schönheit unseres eigenen Wesens liegen. Diese Genüsse, die Zufriedenheit unsrer selbst, das Bewußtsein guter Handlungen, das Gefühl unsrer durch alle Augenblicke unsers Lebens vielleicht gegen tausend Anfechtungen und Verführungen standhaft behaupteten Würde, sind fähig, unter allen äußern Umständen des Lebens, selbst unter den scheinbar traurigsten, ein sicheres tiefgefühltes und unzerstörbares Glück zu gründen.

Ich weiß es, Sie halten diese Art zu denken für ein künstliches aber wohl glückliches Hilfsmittel, sich die trüben Wolken des Schicksals hinweg zu philosophieren, und mitten unter Sturm und Donner sich Sonnenschein zu erträumen. Das ist nun freilich doppelt übel, daß Sie so schlecht von dieser himmlischen Kraft der

Seele denken, einmal, weil Sie unendlich viel dadurch entbehren, und zweitens, weil es schwer, ja unmöglich ist, Sie besser davon denken zu machen. Aber ich wünsche zu Ihrem Glücke und hoffe, daß die Zeit und Ihr Herz Sie die Empfindung dessen, ganz so wahr und innig schenken möge, wie sie mich in dem Augenblick jener Äußerung belebte.

Die höchste nützlichste Wirkung, die Sie dieser Denkungsart, oder vielmehr (denn das ist sie eigentlich) Empfindungsweise, zuschreiben, ist, daß sie vielleicht dazu diene, den Menschen unter der Last niederdrückender Schicksale vor der Verzweiflung zu sichern; und Sie glauben, daß wenn auch wirklich Vernunft und Herz einen Menschen dahin bringen könnte, daß er selbst unter äußerlich unvorteilhaften Umständen sich glücklich fühlte, er doch immer in äußerlich vorteilhaften Verhältnissen glücklicher sein müßte.

Dagegen, mein Freund, kann ich nichts anführen, weil es ein vergeblicher mißverstandner Streit sein würde. Das Glück, wovon ich sprach, hängt von keinen äußeren Umständen ab, es begleitet den, der es besitzt, mit gleicher Stärke in alle Verhältnisse seines Lebens, und die Gelegenheit, es in Genüssen zu entwickeln, findet sich in Kerkern so gut, wie auf Thronen.

Ja, mein Freund, selbst in Ketten und Banden, in die Nacht des finstersten Kerkers gewiesen, – glauben und fühlen Sie nicht, daß es auch da überschwenglich entzückende Gefühle für den tugendhaften Weisen gibt? Ach es liegt in der Tugend eine geheime göttliche Kraft, die den Menschen über sein Schicksal erhebt, in ihren Tränen reifen höhere Freuden, in ihrem Kummer selbst liegt ein neues Glück. Sie ist der Sonne gleich, die nie so göttlich schön den Horizont mit Flammenröte malt, als wenn die Nächte des Ungewitters sie umlagern.

Ach, mein Freund, ich suche und spähe umher nach Worten und Bildern, um Sie von dieser herrlichen beglückenden Wahrheit zu überzeugen. Lassen Sie uns bei dem Bilde des unschuldig Gefesselten verweilen, – oder besser noch, blicken Sie einmal zweitausend Jahre in die Vergangenheit zurück, auf jenen besten und edelsten der Menschen, der den Tod am Kreuze für die Menschheit starb, auf Christus. Er schlummerte unter seinen Mördern, er reichte seine Hände freiwillig zum Binden dar, die teuern Hände, deren Geschäfte nur Wohltun war, er fühlte sich ja doch frei, mehr als die Unmenschen, die ihn fesselten, seine Seele war so voll des Trostes, daß er dessen

noch seinen Freunden mitteilen konnte, er vergab sterbend seinen Feinden, er lächelte liebevoll seine Henker an, er sah dem furchtbar schrecklichen Tode ruhig und freudig entgegen, – ach die Unschuld wandelt ja heiter über sinkende Welten. In seiner Brust muß ein ganzer Himmel von Empfindungen gewohnt haben, denn »Unrecht leiden schmeichelt große Seelen«.

Ich bin nun erschöpft, mein Freund, und was ich auch sagen könnte, würde matt und kraftlos neben diesem Bilde stehen. Daher will ich nun, mein lieber Freund, glauben Sie überzeugt zu haben, daß die Tugend den Tugendhaften selbst im Unglück glücklich macht; und wenn ich über diesen Gegenstand noch etwas sagen soll, so wollen wir einmal jenes äußere Glück mit der Fackel der Wahrheit beleuchten, für dessen Reizungen Sie einen so lebhaften Sinn zu haben scheinen.

Nach dem Bilde des wahren innern Glückes zu urteilen, dessen Anblick uns soeben so lebhaft entzückt hat: verdient nun wohl Reichtum, Güter, Würden, und alle die zerbrechlichen Geschenke des Zufalls, den Namen *Glück*? So arm an Nuancen ist doch unsre deutsche Sprache nicht, vielmehr finde ich leicht ein paar Wörter, die das, was diese Güter bewirken, sehr passend und richtig ausdrücken, Vergnügen und Wohlbehagen. Um diese sehr angenehmen Genüsse sind Fortunens Günstlinge freilich reicher als ihre Stiefkinder, obgleich ihre vorzüglichsten Bestandteile in der Neuheit und Abwechslung liegen, und daher der Arme und Verlaßne auch nicht ganz davon ausgeschlossen ist.

Ja ich bin sogar geneigt zu glauben, daß in dieser Rücksicht für ihn ein Vorteil über den Reichen und Geehrten möglich ist, indem dieser bei der zu häufigen Abwechslung leicht den Sinn zu genießen abstumpft oder wohl gar mit der Abwechslung endlich ans Ende kommt und dann auf Leeren und Lücken stößt, indes der andere mit mäßigen Genüssen haushält, selten aber desto inniger den Reiz der Neuheit schmeckt, und mit seinen Abwechslungen nie ans Ende kommt, weil selbst in ihnen eine gewisse Einförmigkeit liegt.

Aber es sei, die Großen dieser Erde mögen den Vorzug vor die Geringen haben, zu schwelgen und zu prassen, alle Güter der Welt mögen sich ihren nach Vergnügen lechzenden Sinnen darbieten, und sie mögen ihrer vorzugsweise genießen; nur, mein Freund, das Vorrecht glücklich zu sein, wollen wir ihnen nicht einräumen, mit Gold sollen sie den Kummer, wenn sie ihn verdienen, nicht aufwiegen können. Da waltet ein

großes unerbittliches Gesetz über die ganze Menschheit, dem der Fürst wie der Bettler unterworfen ist. Der Tugend folgt die Belohnung, dem Laster die Strafe. Kein Gold besticht ein empörtes Gewissen, und wenn der lasterhafte Fürst auch alle Blicke und Mienen und Reden besticht, wenn er auch alle Künste des Leichtsinns herbeiruft, wie Medea alle Wohlgerüche Arabiens, um den häßlichen Mordgeruch von ihren Händen zu vertreiben – und wenn er auch Mahoms Paradies um sich versammelte, um sich zu zerstreuen oder zu betäuben – umsonst! Ihn quält und ängstigt sein Gewissen, wie den Geringsten seiner Untertanen.

Gegen dieses größte der Übel wollen wir uns schützen, mein Freund, dadurch schützen wir uns zugleich vor allen übrigen, und wenn wir bei der Sinnlichkeit unsrer Jugend uns nicht entbrechen können, neben den Genüssen des ersten und höchsten innern Glücks, uns auch die Genüsse des äußern zu wünschen, so lassen Sie uns wenigstens so bescheiden und begnügung in diesen Wünschen sein, wie es Schülern für die Weisheit ansteht.

Und nun, mein Freund, will ich Ihnen eine Lehre geben, von deren Wahrheit mein Geist zwar überzeugt ist, obgleich mein Herz ihr unaufhörlich widerspricht. Diese Lehre ist, von den Wegen die zwischen dem höchsten äußern Glück und Unglück liegen, grade nur auf der Mittelstraße zu wandern, und unsre Wünsche nie auf die schwindlichen Höhen zu richten. So sehr ich jetzt noch die Mittelstraßen aller Art hasse, weil ein natürlich heftiger Trieb im Innern mich verführt, so ahnde ich dennoch, daß Zeit und Erfahrung mich einst davon überzeugen werden, daß sie dennoch die besten seien. Eine besonders wichtige Ursache uns nur ein mäßiges äußeres Glück zu wünschen, ist, daß dieses sich wirklich am häufigsten in der Welt findet, und wir daher am wenigsten fürchten dürfen getäuscht zu werden.

Wie wenig beglückend der Standpunkt auf großen außerordentlichen Höhen ist, habe ich recht innig auf dem *Brocken* empfunden. Lächeln Sie nicht, mein Freund, es waltet ein gleiches Gesetz über die moralische wie über die physische Welt. Die Temperatur auf der Höhe des Thrones ist so rauh, so empfindlich und der Natur des Menschen so wenig angemessen, wie der Gipfel des Blocksbergs, und die Aussicht von dem einen so wenig beglückend wie von dem andern, weil der Standpunkt auf beidem zu hoch, und das Schöne und Reizende um beides zu tief liegt.

Mit weit mehrerem Vergnügen gedenke ich dagegen der Aussicht auf der mittleren und mäßigen Höhe des *Regensteins*, wo kein trüber Schleier die Landschaft verdeckte, und der schöne Teppich im ganzen, wie das unendlich Mannigfaltige desselben im einzelnen klar vor meinen Augen lag. Die Luft war mäßig, nicht warm und nicht kalt, grade so wie sie nötig ist, um frei und leicht zu atmen. Ich werde Ihnen doch die bildliche Vorstellung *Homers* aufschreiben, die er sich von Glück und Unglück machte, ob ich Ihnen gleich schon einmal davon erzählt habe.

Im Vorhofe des Olymp, erzählt er, stünden zwei große Behältnisse, das eine mit Genuß, das andere mit Entbehrung gefüllt. Wem die Götter, so spricht *Homer*, aus beiden Fässern mit gleichem Maße messen, der ist der Glücklichste; wem sie ungleich messen, der ist unglücklich, doch am unglücklichsten der, dem sie nur allein aus einem Fasse zumessen.

Also *entbehren und genießen*, das wäre die Regel des äußeren Glücks, und der Weg, gleich weit entfernt von Reichtum und Armut, von Überfluß und Mangel, von Schimmer und Dunkelheit, die beglückende Mittelstraße, die wir wandern wollen.

Jetzt freilich wanken wir noch auf regellosen Bahnen umher, aber, mein Freund, das ist uns als Jünglinge zu verzeihen. Die innere Gärung ineinander wirkender Kräfte, die uns in diesem Alter erfüllt, läßt keine Ruhe im Denken und Handeln zu. Wir kennen die Beschwörungsformel noch nicht, die Zeit allein führt sie mit sich, um die wunderbar ungleichartigen Gestalten, die in unserm Innern wühlen und durcheinander treiben, zu besänftigen und zu beruhigen. Und alle Jünglinge, die wir um und neben uns sehen, teilen ja mit uns dieses Schicksal. Alle ihre Schritte und Bewegungen scheinen nur die Wirkung eines unfühlbaren aber gewaltigen Stoßes zu sein, der sie unwiderstehlich mit sich fortreißt. Sie erscheinen mir wie Kometen, die in regellosen Kreisen das Weltall durchschweifen, bis sie endlich eine Bahn und ein Gesetz der Bewegung finden.

Bis dahin, mein Freund, wollen wir uns also aufs Warten und Hoffen legen, und nur wenigstens uns das zu erhalten streben, was schon jetzt in unsrer Seele Gutes und Schönes liegt. Besonders und aus mehr als dieser Rücksicht wird es gut für uns, und besonders für Sie sein, wenn wir die Hoffnung zu unsrer Göttin wählen, weil es scheint als ob uns der Genuß flieht.

Denn eine von beiden Göttinnen, Lieber, lächelt dem Menschen doch immer zu, dem Frohen der Genuß, dem Traurigen die Hoffnung. Auch scheint es, als ob die Summe der glücklichen und der unglücklichen Zufälle im ganzen für jeden Menschen gleich bleibe; wer denkt bei dieser Betrachtung nicht an jenen Tyrann von Syrakus, *Polykrates*, den das Glück bei allen seinen Bewegungen begleitete, den nie ein Wunsch, nie eine Hoffnung betrog, dem der Zufall sogar den Ring wiedergab, den er, um dem Unglück ein freiwilliges Opfer zu bringen, ins Meer geworfen hatte. So hatte die Schale seines Glücks sich tief gesenkt; aber das Schicksal setzte es dafür auch mit einem Schlage wieder ins Gleichgewicht und ließ ihn am Galgen sterben. – Oft verpraßt indes ein Jüngling in ein paar Jugendjahren den Glücksvorrat seines ganzen Lebens, und darbt dann im Alter; und da Ihre Jugendjahre, mehr noch als die meinigen, so freudenleer verflossen sind, ob Sie gleich eine tiefgefühlte Sehnsucht nach Freude in sich tragen, so nähren und stärken Sie die Hoffnung auf schönere Zeiten, denn ich getraue mich, mit einiger, ja mit großer Gewißheit Ihnen eine frohe und freudenreiche Zukunft vorher zu kündigen. Denken Sie nur, mein Freund, an unsre schönen und herrlichen Pläne, an unsre Reisen. Wie vielen Genuß bieten sie uns dar, selbst den reichsten in den scheinbar ungünstigsten Zufällen, wenigstens doch *nach* ihnen, durch die Erinnerung. Oder blicken Sie über die Vollendung unsrer Reisen hin, und *sehen Sie sich an*, den an Kenntnissen bereicherten, an Herz und Geist durch Erfahrung und Tätigkeit gebildeten Mann. Denn Bildung muß der Zweck unsrer Reise sein und wir müssen ihn erreichen, oder der Entwurf ist so unsinnig wie die Ausführung ungeschickt.

Dann, mein Freund, wird die Erde unser Vaterland, und alle Menschen unsre Landsleute sein. Wir werden uns stellen und wenden können wohin wir wollen, und immer glücklich sein. Ja wir werden unser Glück zum Teil in der Gründung des Glücks anderer finden, und andere bilden, wie wir bisher selbst gebildet worden sind.

Wie viele Freuden gewährt nicht schon allein die wahre und richtige Wertschätzung der Dinge. Wie oft gründet sich das Unglück eines Menschen bloß darin, daß er den Dingen unmögliche Wirkungen zuschrieb, oder aus Verhältnissen falsche Resultate zog, und sich darinnen in seinen Erwartungen betrog. Wir werden uns seltner irren, mein Freund, wir durchschauen dann die Geheimnisse der physischen wie der moralischen Welt, bis dahin, versteht sich, wo der ewige Schleier über sie waltet, und was wir bei dem Scharfblick unsres Geistes von der Natur erwarten, das leistet sie gewiß. Ja es ist im richtigen Sinne sogar möglich, das Schicksal selbst zu leiten, und

wenn uns dann auch das große allgewaltige Rad einmal mit sich fortreißt, so verlieren wir doch nie das Gefühl unsrer selbst, nie das Bewußtsein unseres Wertes. Selbst auf diesem Wege kann der Weise, wie jener Dichter sagt, *Honig aus jeder Blume saugen*. Er kennt den großen Kreislauf der Dinge, und freut sich daher der Vernichtung wie dem Segen, weil er weiß, daß in ihr wieder der Keim zu neuen und schöneren Bildungen liegt.

Und nun, mein Freund, noch ein paar Worte über ein Übel, welches ich mit Mißvergnügen als Keim in Ihrer Seele zu entdecken glaube. Ohne, wie es scheint, gegründete, vielleicht Ihnen selbst unerklärbare Ursachen, ohne besonders üble Erfahrungen, ja vielleicht selbst ohne die Bekanntschaft eines einzigen durchaus bösen Menschen, scheint es, als ob Sie die Menschen hassen und scheuen.

Lieber, in Ihrem Alter ist das besonders übel, weil es die Verknüpfung mit Menschen und die Unterstützung derselben noch so sehr nötig macht. Ich glaube nicht, mein Freund, daß diese Empfindung als Grundzug in Ihrer Seele liegt, weil sie die Hoffnung zu Ihrer vollkommenen Ausbildung, zu welcher Ihre übrigen Anlagen doch berechtigen, zerstören und Ihren Charakter unfehlbar entstellen würde. Daher glaube ich eher und lieber, worauf auch besonders Ihre Äußerungen hinzudeuten scheinen, daß es eine von jenen fremdartigen Empfindungen ist, die eigentlich keiner menschlichen Seele und besonders der Ihrigen nicht, eigentümlich sein sollte, und die Sie, von irgend einem Geiste der Sonderbarkeit und des Widerspruchs getrieben, und von einem an Ihnen unverkennbaren Trieb der Auszeichnung verführt, nur durch Kunst und Bemühung in Ihrer Seele verpflanzt haben.

Verpflanzungen, mein Freund, sind schon im allgemeinen Sinne nicht gut, weil sie immer die Schönheit des Einzelnen und die Ordnung des Ganzen stören. Südfrüchte in Nordländern zu verpflanzen, – das mag noch hingehen, der unfruchtbare Himmelsstrich mag die unglücklichen Bewohner und ihren Eingriff in die Ordnung der Dinge rechtfertigen; aber die kraft- und saftlosen verküppelten Erzeugnisse des Nordens in dem üppigsten südlichen Himmelstrich zu verpflanzen, – Lieber, es dringt sich nur gleich die Frage auf, *wozu?* Also der mögliche Nutzen kann es nur rechtfertigen.

Was ich aber auch denke und sinne, mein Freund, nicht ein einziger Nutzen tritt vor meine Seele, wohl aber Heere von Übeln.

Ich weiß es und Sie haben es mir ja oft mitgeteilt, Sie fühlen in sich einen lebhaften Tätigkeitstrieb, Sie wünschen einst viel und im großen zu wirken. Das ist schön, mein Freund, und Ihres Geistes würdig, auch Ihr Wirkungskreis wird sich finden, und die relativen Begriffe von *groß* und *klein* wird die Zeit feststellen.

Aber ich stoße hier gleich auf einen gewaltigen Widerspruch, den ich nicht anders zu Ihrer Ehre auflösen kann, als wenn ich die Empfindung des Menschenhasses geradezu aus Ihrer Seele wegstreiche. Denn wenn Sie wirken und schaffen wollen, wenn Sie Ihre Existenz für die Existenz anderer aufopfern und so Ihr Dasein gleichsam vertausendfachen wollen, Lieber, wenn Sie nur für andre sammeln, wenn Sie Kräfte, Zeit und Leben, nur für andre aufopfern wollen, – wem können Sie wohl dieses kostbare Opfer bringen, als dem, was Ihrem Herzen am teuersten ist, und am nächsten liegt?

Ja, mein Freund, Tätigkeit verlangt ein Opfer, ein Opfer verlangt Liebe, und so muß sich die Tätigkeit auf wahre innige Menschenliebe gründen, sie müßte denn eigennützig sein, und nur für sich selbst schaffen wollen.

Ich möchte hier schließen, mein Freund, denn das, was ich Ihnen zur Bekämpfung des Menschenhasses, wenn Sie wirklich so unglücklich wären ihn in Ihrer Brust zu verschließen, sagen könnte, wird mir durch die Vorstellung dieser häßlichen abscheulichen Empfindung, so widrig, daß es mein ganzes Wesen empört. Menschenhaß! Ein Haß über ein ganzes Menschengeschlecht! O Gott! Ist es möglich, daß ein Menschenherz weit genug für so viel Haß ist!

Und gibt es denn nichts Liebenswürdigen unter den Menschen mehr? Und gibt es keine Tugenden mehr unter ihnen, keine Gerechtigkeit, keine Wohltätigkeit, keine Bescheidenheit im Glücke, keine Größe und Standhaftigkeit im Unglück? Gibt es denn keine redlichen Väter, keine zärtlichen Mütter, keine frommen Töchter mehr? Rührt Sie denn der Anblick eines frommen Dulders, eines geheimen Wohltäters nicht? Nicht der Anblick einer schönen leidenden Unschuld? Nicht der Anblick einer triumphierenden Unschuld? Ach und wenn sich auch im ganzen Umkreis der Erde nur ein einziger Tugendhafter fände, dieser einzige wiegt ja eine ganze Hölle von Bösewichtern auf, um

dieses einzigen willen – kann man ja *die ganze Menschheit* nicht hassen. Nein, lieber Freund, es stellt sich in unsrer gemeinen Lebensweise nur die Außenseite der Dinge dar, nur starke und heftige Wirkungen fesseln unsern Blick, die mäßigen entschlüpfen ihm in dem Tumult der Dinge. Wie mancher Vater darbt und sorgt für den Wohlstand seiner Kinder, wie manche Tochter betet und arbeitet für die armen und kranken Eltern, wie manches Opfer erzeugt und vollendet sich im Stillen, wie manche wohltätige Hand waltet im Dunkeln. Aber das Gute und Edle gibt nur sanfte Eindrücke, und doch liebt der Mensch die heftigen, er gefällt sich in der Bewunderung und Entzückung, und das Große und Ungeheure ist es eben, worin die Menschen nicht stark sind. Und wenn es doch nur gerade das Große und Ungeheure ist, nach dessen Eindrücken Sie sich am meisten sehnen, nun, mein Freund, auch für diese Genüsse läßt sich sorgen, auch dazu findet sich Stoff in dem Umkreis der Dinge. Ich rate Ihnen daher nochmals die Geschichte an, nicht als Studium, sondern als Lektüre. Vielleicht ist die große Überschwemmung von Romanen, die, nach Ihrer eignen Mitteilung, auch Ihre Phantasie einst unter Wasser gesetzt hat (verzeihn Sie mir diesen unedlen Ausdruck), aber vielleicht ist diese zu häufige Lektüre an der Empfindung des Menschenhasses schuld, die so ungleichartig und fremd neben Ihren andern Empfindungen steht. Ein gutes leichtsinniges Herz hebt sich so gern in diese erdichteten Welten empor, der Anblick so vollkommner Ideale entzückt es, und fliegt dann einmal ein Blick über das Buch hinweg, so verschwindet die Zauberin, die magere Wirklichkeit umgibt es, und statt seiner Ideale grinset ihn ein Alltagsgesicht an. Wir beschäftigen uns dann mit Plänen zur Realisierung dieser Träumereien, und oft um so inniger, je weniger wir durch Handel und Wandel selbst dazu beitragen, wir finden dann die Menschen zu ungeschickt für unsern Sinn, und so erzeugt sich die erste Empfindung der Gleichgültigkeit und Verachtung gegen sie.

Aber wie ganz anders ist es mit der Geschichte, mein Freund! Sie ist die getreue Darstellung dessen, was sich zu allen Zeiten unter den Menschen zugetragen hat. Da hat keiner etwas hinzugesetzt, keiner etwas weggelassen, es finden sich keine phantastische Ideale, keine Dichtung, nichts als wahre trockne Geschichte. Und dennoch, mein Freund, finden sich darin schöne herrliche Charaktergemälde großer erhabner Menschen, Menschen wie Sokrates und Christus, deren ganzer Lebenslauf Tugend war, Taten, wie des Leonidas, des Regulus, und alle die unzähligen griechischen und römischen, die alles, was die Phantasie möglicherweise nur erdichten kann, erreichen

und übertreffen. Und da, mein Freund, können wir wahrhaft sehn, auf welche Höhe der Mensch sich stellen, wie nah er an die Gottheit treten kann! Das darf und soll Sie mit Bewunderung und Entzückung füllen, aber, mein Freund, es soll Sie aber auch mit Liebe für das Geschlecht erfüllen, dessen Stolz sie waren, mit Liebe zu der großen Gattung, zu der sie gehören, und deren Wert sie durch ihre Erscheinung so unendlich erhöht und veredelt haben.

Vielleicht sehn Sie sich um in diesem Augenblick unter den Völkern der Erde, und suchen und vermissen einen Sokrates, Christus, Leonidas, Regulus etc. Irren Sie sich nicht, mein Freund! Alle diese Männer waren große, seltne Menschen, aber daß wir das wissen, daß sie so berühmt geworden sind, haben sie dem Zufall zu danken, der ihre Verhältnisse so glücklich stellte, daß die Schönheit ihres Wesens wie eine Sonne daraus hervorstieg.

Ohne den *Melitus* und ohne den *Herodes* würde *Sokrates* und *Christus* uns vielleicht unbekannt geblieben, und doch nicht minder groß und erhaben gewesen sein. Wenn sich Ihnen also in diesem Zeitpunkt kein so bewundernswürdiges Wesen ankündigt, – mein Freund, ich wünsche nur, daß Sie nicht etwa denken mögen, die Menschen seien von ihrer Höhe herabgesunken, vielmehr es scheint ein Gesetz über die Menschheit zu walten, daß sie sich im allgemeinen zu allen Zeiten gleich bleibt, wie oft auch immer die Völker mit Gestalt und Form wechseln mögen.

Aus allen diesen Gründen, mein teurer Freund, verscheuchen Sie, wenn er wirklich in Ihrem Busen wohnt, den häßlich unglückseligen und, wie ich Sie überzeugt habe, selbst ungegründeten Haß der Menschen. Liebe und Wohlwollen müssen nur den Platz darin einnehmen. Ach es ist ja so öde und traurig zu hassen und zu fürchten, und es ist so süß und so freudig zu lieben und zu trauen. Ja, wahrlich, mein Freund, es ist ohne Menschenliebe gewiß kein Glück möglich, und ein so liebloses Wesen wie ein Menschenfeind ist auch keines wahren Glückes wert.

Und dann noch eines, Lieber, ist denn auch ohne Menschenliebe jene Bildung möglich, der wir mit allen unsern Kräften entgegenstreben? Alle Tugenden beziehn sich ja auf die Menschen, und sie sind nur Tugenden insofern sie ihnen nützlich sind. Großmut, Bescheidenheit, Wohltätigkeit, bei allen diesen Tugenden fragt es sich, gegen wen? und für wen? und wozu? Und immer dringt sich die Antwort auf, für die Menschen, und zu ihrem Nutzen.

Besonders dienlich wird unsre entworfnre Reise sein, um Ihnen die Menschen gewiß von einer recht liebenswürdigen Seite zu zeigen. Tausend wohltätige Einflüsse erwarte und hoffe ich von ihr, aber besonders nur für Sie den ebenbenannten. Die Art unsrer Reise verschafft uns ein glückliches Verhältnis mit den Menschen. Sie erfüllen nur nicht gern, was man laut von ihnen verlangt, aber leisten desto lieber was man schweigend von sie hofft.

Schon auf unsrer kleinen Harzwanderung haben wir häufig diese frohe Erfahrung gemacht. Wie oft, wenn wir ermüdet und erschöpft von der Reise in ein Haus traten, und den Nächsten um einen Trunk Wasser baten, wie oft reichten die ehrlichen Leute uns Bier oder Milch und weigerten sich Bezahlung anzunehmen. Oder sie ließen freiwillig Arbeit und Geschäft im Stiche, um uns Verirrte oft auf entfernte rechte Wege zu führen. Solche stillen Wünsche werden oft empfunden, und ohne Geräusch und Anspruch erfüllt, und mit Händedrücken bezahlt, weil die geselligen Tugenden gerade diejenigen sind, deren jeder in Zeit der Not bedarf. Aber freilich, große Opfer darf und soll man auch nicht verlangen.